

**HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA TOPONÍMICA  
DO MUNICÍPIO DE BENGUELA**

**Bernardo Kessongo Menezes**

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão  
da Informação de Especialidade**

**Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino**

**Março, 2015**

**HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA TOPONÍMICA**

**DO MUNICÍPIO DE BENGUELA**

**Bernardo Kessongo Menezes**

Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão  
da Informação de Especialidade

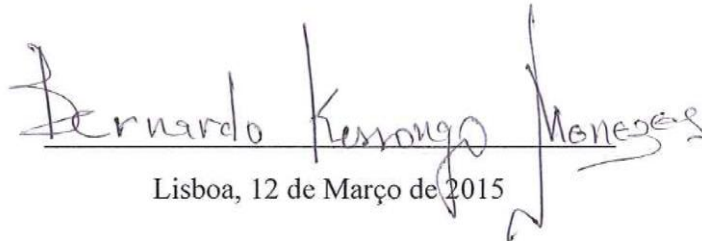
Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Março, 2015

Dissertação apresentada para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, realizada sob Orientação Científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

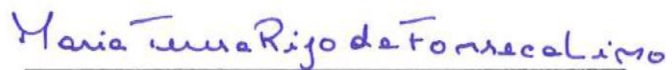
Declaro que esta dissertação é resultado da minha investigação pessoal independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

  
Lisboa, 12 de Março de 2015

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

  
Lisboa, 12 de Março de 2015

Lisboa, 12 de Março de 2015

## SIGLAS E ABREVIATURAS

L1-	-	-	-	-	-	-Língua Primeira
L2-	-	-	-	-	-	-Língua Segunda
LM-	-	-	-	-	-	-Língua Materna
ISP-	-	-	-	-	-	-Instituto Superior Politécnico
d.C-	-	-	-	-	-	-Depois de Cristo
apud-	-	-	-	-	-	-Citado por
S/d-	-	-	-	-	-	-Sem data
S/p-	-	-	-	-	-	-Sem número de página
P/PP.-	-	-	-	-	-	-Página/s
et. al.-	-	-	-	-	-	- e outros
cf.supra-	-	-	-	-	-	-Conferir linhas ou páginas anteriores ou acima
cf. Infra-	-	-	-	-	-	-Conferir linhas ou páginas adiante ou abaixo.
N.T.-	-	-	-	-	-	-Nossa tradução
N.D.-	-	-	-	-	-	-Nossa Definição
Ex.-	-	-	-	-	-	- Exemplo
V.g. (verbi gratia) -	-	-	-	-	-	- Por exemplo
Sic.-	-	-	-	-	-	-Assim mesmo

## AGRADECIMENTOS

À minha família, a base de tudo. O verdadeiro pilar da minha caminhada.

À minha mãe que acreditou em mim, mesmo quando isso foi posto à prova nas mais diversas circunstâncias. Sem os meus familiares, o meu arrimo, o resultado seria inexpressivo.

À Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, que foi e é mais do que orientadora, com sua dedicação, cordialidade e sabedoria me ajudou a galgar caminhos académicos, os meus mais profundos agradecimentos.

À coordenadora do nosso Curso Professora Doutora Rute Vilhena Costa expresso os meus mais profundos agradecimentos pela ajuda e orientação.

À Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Henriques, os meus melhores agradecimentos pela ajuda e apoio incondicional.

Ao Dr. Pedro Largo, Dr. Eutímio Camati e Dr.<sup>a</sup>. Deolinda Trindade pela ajuda, o meu muito obrigado.

Aos Professores (as) Dr. Renato Pereira (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Dr.<sup>a</sup> Maria Seabra (Universidade Federal de Minas Gerais) e Dr.<sup>a</sup> Patrícia de Jesus Carvalhinho (Universidade de São Paulo), que à partida nos confessaram o desconhecimento da realidade onomástica de Angola e de Benguela, em particular, agradeço pela disposição do material, sugestões e opiniões.

A toda a família Caetano, de modo singular ao Eng.<sup>o</sup> José Correia da Rocha Caetano, Dr.<sup>a</sup>. Vanusa Alice Caetano, Miquelina Félix Caetano e Rosa Maria dos Santos Caetano, pela acessibilidade e por acreditarem em mim, a minha sempiterna gratidão.

Aos meus amigos: perto ou distantes; de trabalho ou de estudo, o meu muito obrigado! Amizades, essas que vão além das palavras, do limite da paciência, do afrente do desespero e da angústia, mas que a finalização de cada etapa do projecto, sorrisos e lágrimas de alegria foram expressos com amor e amizade incondicionais.

À Mariana Advirta da Silva Matos, pelo incentivo e apoio, o meu obrigado sem fim.

Ao Dr. Joaquim Freitas, minha sincera gratidão e admiração pela força e coragem.

Por último, tenho muito a agradecer àqueles com quem convivi até hoje e que me trouxeram até aqui.

## RESUMO

A Onomástica é a disciplina que estuda os nomes próprios de pessoas (Antroponímia) e de lugares (Toponímia). O presente trabalho centrou-se, na análise dos nomes geográficos, isto é, nomes de sítios, povoações, aldeias, avenidas, ruas, travessas, praças, montes e rios, incluindo as motivações das respectivas denominações.

Este estudo visa contribuir para o processo de harmonização da grafia toponímica do município de Benguela e apresentar alguns aspectos da história sociocultural – constituição do espaço, processo de povoamento e cultura local na identificação, orientação e localização, bem como o conhecimento dos nomes fixados em placas toponímicas e as informações sobre as razões dessas designações.

Por este motivo, o respeito e valorização dos nomes de lugares mostra-se essencial para a compreensão dos topónimos, não só como elemento de orientação e identificação, como também permitirá conhecer e divulgar os nomes de lugares não conhecidos, de modo a saber respeitá-los e grafá-los em documentos oficiais. Este procedimento possibilitará resgatar os valores culturais que se julgam perdidos na nossa sociedade e construir uma memória e identidade de uma sociedade angolana, particularmente de Benguela.

**PALAVRAS-CHAVE: Toponímia, Harmonização, Benguela.**

## **ABSTRACT**

Onomastic is the discipline that examines the name of people (anthroponomy) and the name of places (toponymy). This work has its focus on the geographical names analysis, which means the names of places, villages, avenues, streets, alleys, squares, mountains and rivers, and on the reasons of their origin.

The present study aims to be a valued contribution to a standardization regarding the spelling of toponyms in the Benguela municipality. Not only to contribute to the socio-cultural History of the place itself - constitution of urban and rural space, settlement procedures and local culture, to a better orientation and location, but also to encourage the awareness of the names inscribed on name signs (in streets, avenues, villages, etc.) and the right information about the reasons of each designation.

For those reasons, the respect and value of names of places is essential to understand toponyms, not only as an orientation and identification, but also as knowledge and exposure of unknown names, so that it would become possible to use them and spell them the right way in official documents. This procedure will allow rescuing cultural values that one thought they would be lost and consequently build a memory and an identity of an Angolan society, in particular in the city of Benguela.

**KEY-WORDS: Toponymy, Standardization, Benguela.**



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
1. LEXICOLOGIA E TOPONÍMIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....	4
1.1. TOPONÍMIA: CONCEITOS .....	6
1.2. TEORIAS E ORIGEM DOS TOPÓNIMOS.....	7
1.3. TRAÇOS HISTÓRICOS SOBRE A TOPONÍMIA .....	12
1.4. DIVISÃO DO ESTUDO TOPONÍMICO .....	15
1.5. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA TOPONÍMIA .....	16
1.6. TOPONÍMIA: ESTRUTURA E FUNÇÃO .....	18
2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA REGIÃO DE BENGUELA.....	23
2.1. PENETRAÇÃO DOS BANTU EM ANGOLA .....	24
2.2. O GRUPO ETNOLINGUÍSTICO OVIMBUNDU .....	25
2.3. O TOPÓNIMO BENGUELA E SEUS LIMITES GEOGRÁFICOS.....	34
3. METODOLOGIA E ANÁLISE TAXIONÓMICA DOS TOPÓNIMOS .....	40
3.1. ANÁLISE DA GRAFIA TOPONÍMICA DE BENGUELA .....	44
3.2. <i>CORPUS</i> E ANÁLISE DOS TOPÓNIMOS DE BENGUELA .....	46
3.3. CLASSIFICAÇÃO TAXIONÓMICA DOS TOPÓNIMOS.....	46
3.4. TOPÓNIMOS ORGANIZADOS POR CATEGORIA .....	50
3.5. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE TOPÓNIMOS .....	56
3.6. PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA DOS TOPÓNIMOS EM UMBUNDU .....	58
3.7. FICHAS LEXICOGRÁFICO - TOPONÍMICAS.....	66
4. CONCLUSÃO .....	71
5. BIBLIOGRAFIA.....	74
5.1. BIBLIOGRAFIA GERAL: .....	74
5.2. GRAMÁTICAS: .....	77
5.3. DICIONÁRIOS:.....	77
5.4. DOCUMENTOS .....	77
6. ANEXOS.....	78
6.1. ANEXO Nº 1 - BOLETIM DE INQUÉRITO.....	79
6.2. ANEXO Nº 2 BASE DE DADOS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DO MUNICÍPIO DE BENGUELA (UM EXTRACTO).....	81

## INTRODUÇÃO

O nome de lugar é, certamente, um elemento que contribui para o enquadramento cultural e a percepção que os indivíduos possuem do território que os rodeia. Permite a compreensão do *modus vivendi* de uma comunidade, apontando para a necessidade de organização geográfica da população e do espaço. Temporalmente, essa organização reflecte-se no grupo comunitário e estende-se à própria História, onde efectivamente a pessoa humana consegue valorizar a organização sociográfica destes espaços, por meio do conhecimento dos nomes das localidades, tornando-se um ser social e histórico.

O presente trabalho surge no âmbito das interrogações que se têm levantado sobre a situação da toponímia: a sua forma gráfica, as suas origens, o seu contributo na localização, orientação, identificação e interpretação dos valores culturais e, sobretudo, a necessidade de harmonização da grafia dos nomes de lugares que circunscrevem o município de Benguela. Juntam-se a estas interrogações os motivos técnicos e profissionais como as razões que estiveram na base deste tema.

Assim, identificamos as seguintes questões:

1. Que problemas se levantam na grafia toponímica do município de Benguela?
2. Que princípios orientam a atribuição dos nomes aos lugares no contexto sociocultural da região de Benguela?
3. Como efectuar o levantamento dos topónimos que comporta a onomástica do município de Benguela?
4. Como examinar os aspectos históricos e sociais dos topónimos de Benguela?
5. Que orientações sociolinguísticas devem ser adoptadas para a harmonização gráfica de Benguela?

Deste modo, tivemos em conta os seguintes objectivos:

1. Propor um sistema de grafia adequada para a harmonização da grafia da toponímia do município de Benguela.
2. Identificar os problemas que se levantam na ortografia toponímica do município de Benguela.
3. Analisar os princípios que orientam a atribuição dos nomes aos lugares no contexto sociocultural de Angola e de Benguela, em particular.
4. Examinar os aspectos históricos e sociais dos topónimos que compõem a onomástica de Benguela.
5. Elaborar uma base de dados lexicográfico-toponímica para o levantamento e armazenamento dos topónimos do município de Benguela.
6. Identificar as orientações sociolinguísticas que devem ser adoptadas para a harmonização da grafia toponímica do município de Benguela.

Assim, numa perspectiva científica, o tipo de pesquisa que irá ser utilizada no decurso desta investigação é de natureza descritiva.

Neste trabalho, utilizámos o método da entrevista: efectuámos entrevistas e recolhemos diálogos, realizados a treze deponentes (cf. infra); este estudo tem um valor específico porque apresenta reflexões de pessoas que pertenceram e assistiram ao nascimento e crescimento da zona de Benguela.

O trabalho está subdividido em três capítulos, introdução e conclusão. No primeiro, *Lexicologia e Toponímia: Fundamentos Teóricos*, discutimos a relação destas duas ciências e apresentamos os principais autores, escolas e doutrinas sobre a toponímia e o esboço histórico da onomástica angolana e benguelense.

No segundo capítulo, sobre a *Caraterização Sociolinguística da Região de Benguela*, fazemos uma reflexão sobre os termos *Bantu* e *Umbundu*, no âmbito da caracterização sociolinguística da região em estudo, bem como dos *subgrupos Umbundu* e da sua localização; apresentamos também algumas particularidades sobre o topónimo *Benguela*.

O terceiro capítulo, *Metodologia e Análise Taxionómica dos Topónimos*, descreve as metodologias utilizadas nas várias etapas da investigação e da análise do *corpus*. Comporta ainda os dados resultantes do inquérito efectuado.

Ainda neste capítulo III, apresentamos a descrição dos topónimos recolhidos, a sua classificação taxionómico, um estudo linguístico e lexicográfico relativo à História, procedência, à língua de origem e à sua estrutura morfológica.

Neste mesmo capítulo, efectuamos uma proposta de harmonização da grafia dos topónimos em Umbundu, a sua descrição histórica e um processo de organização e armazenamento de dados, que se substancia numa base de dados lexicográfico-toponímica (Português e Umbundu) com diferentes fichas, onde é possível encontrar os diversos topónimos; a função desta base transcende a de armazenamento, pois demonstra a veracidade do tema em questão, de modo a torná-lo inteligível relativamente à toponímica da região em estudo.

## 1. LEXICOLOGIA E TOPONÍMIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Lexicologia, Lexicografia e Terminologia são disciplinas próximas, mas com objectos de estudos específicos e com quadros conceptuais delimitados e terminologias próprias.

A Lexicologia é a ciência do léxico; é uma disciplina próxima da Lexicografia e da Terminologia. A Lexicografia é, de acordo com Pavel e Nolet (2002: 124), a “técnica de elaborar dicionários, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular”.

Terminologia é uma disciplina das ciências da linguagem que se ocupa do estudo científico dos termos de uma área de especialidade. Assim, segundo Pavel e Nolet (2002: 131), a Terminologia é definida como “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, actividade profissional, pessoa ou grupo social. Disciplina linguística dedicada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade”.

A Lexicologia é segundo Lino (1984:150) “uma das disciplinas centrais dentro da Linguística que tem, naturalmente, por objecto o léxico”.

A Lexicologia ajuda a interpretar o *modus vivendi* de uma comunidade por meio do estudo do seu léxico, da interpretação das características e dos aspectos culturais. Foi este tipo de Lexicologia que Zuleide Filgueiras denominou “Lexicologia Social”, devido ao facto de considerar a palavra não como objecto isolado, mas como fazendo parte da estrutura societária, cujos estudos remontam aos anos 50 do século passado (Cf. Filgueiras 2011: S/p).

O léxico constitui uma chave indispensável no estudo da identificação étnica dos povos. É, na opinião de Correia e Lemos (2009: 9), “O conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção disponíveis na língua”.

A definição de Correia e Lemos pode ser completada com a opinião de Aparecida Isquerdo, segundo a qual “o léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na trajectória histórica, pois é através dele que o homem nomeia o espaço que o circula e consubstancia a sua visão do mundo acerca da sociedade” (Isquerdo 2009:43).

Todavia, apenas contemporaneamente tem ganhado destaque o estudo do léxico a partir do entrelaçamento língua-cultura-sociedade, o que contribui bastante para o conhecimento da história social e de várias comunidades linguísticas:

“O estudo do léxico regional pode oferecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados com a história, o sistema de vida, a visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que ela deixa transparecer” (Isquierdo 2001: 91).

Por outro lado a Onomástica deriva do vocábulo grego “*onoma*” que significa “nome próprio”. Andrade e Dick sustentam que “essa ciência procura abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma cosmovisão, de um sistema de valores, como geradora de reflexos de recortes culturais” (Andrade e Dick 2012: 2).

Como disciplina científica ligada à Lexicologia, dedicando-se ao exame dos nomes próprios, a Onomástica surge como ciência no século XIX e subdividida em Toponímia (estudo dos nomes de lugares) e Antroponímia (estudo dos nomes e sobrenomes das pessoas, alcunhas e tudo que gira à sua volta, em especial no contexto angolano).

Este pressuposto reveste-se de singular valor e constitui factor estratégico em comparação com o estudo e identificação dos nomes de localidades, numa franca simbiose entre Lexicologia e Toponímia. Assim, vamos procurar aprofundar a resposta sobre a questão: o que é a toponímia e qual a sua importância?

## 1.1. TOPONÍMIA: CONCEITOS

O termo “toponímia” remonta à raiz do vocábulo grego “*tópos*” que quer dizer “lugar” e “*ónoma*” que significa “nome”. Assim, o termo “toponímia” designa “nome de lugar”.

Para a pesquisadora Maria Vicentina Dick, a toponímia “é o estudo dos designativos geográficos em sua bipartição física (rios, córregos, ilhas, morros) e humana (aldeias, povoados, cidades, fazendas)” (Dick 1992: 119).

Ao contrário de Dick, Fernando Bello Garnelo propõe uma definição de toponímia que vai de encontro aos objectivos propostos:

“La Toponimia es la ciencia que estudia los nombres de lugar de un área geográfica determinada, su origen y la relación con la lengua hablada actualmente en esa área o con lenguas ya desaparecidas. Un objetivo complementario es determinar las diferentes capas de poblamiento de un país, a través de los restos que han ido quedando en los nombres de lugar. [...] ciencia que tiene por objeto el estudio y clasificación de los nombres de todo tipo de conocimientos, integrante analizados en el espacio y en el tiempo, considerando sus distintos aspectos históricos, geográficos, filológicos, económicos, etc.” (Garnelo 2001: 17).

Este autor tem uma perspectiva de toponímia próxima das nossas preocupações: propor um sistema gráfico adequado para a harmonização da grafia toponímica do município de Benguela. Ao fazer referência, na sua definição, a aspectos relacionados com o nome de lugar, a origem e a relação destes com a língua que é falada e que vai desaparecendo, o autor introduz-nos na problemática do conhecimento dos topónimos da zona em estudo; por outro lado, ajuda-nos a concretizar o nosso objectivo de harmonização da grafia da toponímia de Benguela, cuja irregularidade, de certo modo, foi atribuída ao registo de forma errónea que teve como consequência a dispersão e o desaparecimento de topónimos que deixaram de ser usados pelos munícipes.

Numa primeira fase da investigação, tivemos como preocupação a recolha de informações que jazem na memória colectiva de pessoas adultas (aquelas que viram e/ou ouviram contar a história do lugar), no sentido de transferir essas informações para

documentos escritos, uma vez que a tradição oral, embora seja uma fonte e a mais usual quando a questão é a preocupação de assuntos ligados ao passado, tende a desaparecer junto das personalidades das comunidades antropológicas ou das povoações, e com elas desaparecem inúmeros topónimos e seus significados.

Apesar de existir um ponto de convergência entre os autores na definição de toponímia, é importante frisar que nem todos, como nos diz Jörn Seemann, utilizam o termo “toponímia” para analisar a etimologia dos lugares. Laverdière (1996) fala de “coronímia normativa”, enquanto Costa, Rodrigues, Pinto e Nobre (1975), no *Atlas Mirador Internacional*, usam a expressão “nomenclatura geográfica” ou o neologismo “geonímia”, que abrange os nomes de lugares e acidentes geográficos que podem ser subdivididos, entre muitos outros “ónimos”, em curiosidades eruditas como nesónimos (ilhas, arquipélagos), eremónimos (desertos) ou quersonesónimos (penínsulas) (Seemann 2005: 211).

Assim, é importante, e torna-se necessário, conhecer a origem e as teorias atribuídas aos elementos de estudo sobre os nomes de lugares e analisar os princípios que as enquadram e as principais escolas existentes em vários países.

## **1.2. TEORIAS E ORIGEM DOS TOPÓNIMOS**

A história, sobretudo a da toponímia da região em estudo, continua a não ajudar a dizer com exactidão qual a proveniência dos seus topónimos, elementos indispensáveis na identificação do estudo da localidade. Mas, ao observar como estão grafados os distintos nomes de lugares, é possível perceber que os mesmos têm a sua origem em duas línguas distintas: Português e Umbundu (em sentido linguístico).

Como atributos ou fixação, não resultam do acaso, do capricho ou da vontade singular de qualquer pessoa, mas, e na maioria das vezes, de um consenso entre as pessoas que habitam a referida zona. Isto acontece apesar de crermos, como se tem dito em filosofia, que “dar nome é um acto livre”.



De acordo com Garnelo (2001: 18):

“Los topónimos siempre tienen su origen en las palabras del léxico común de la lengua; pero en muchos casos sobreviven al uso de las propias palabras; en realidad, el topónimo nace plenamente como tal en el momento en que la palabra desaparece del léxico común, o cuando los hablantes, de alguna manera, olvidan la relación de significante y significado entre el término y lo que designa. Los topónimos subsisten por la necesidad de nombrar un lugar continuamente y de forma inequívoca. Aunque haya desaparecido el motivo que dio origen al término, el topónimo puede seguir aplicándose por extensión al lugar en el que surgió, olvidado ya el significado del nombre común originario, y convertido en un mero significante con la función de denominar un determinado lugar”.

As designações dos lugares (dadas por um acto livre ou por consenso) estão ligadas a profissões, a factos históricos, circunstâncias, sabedorias populares, aos contos, à época e à morte (no caso particular da região em estudo), onde em certas circunstâncias podem também determinar o nome. Assim, uma morte, um visitante ilustre ou um parto em circunstâncias invulgares dão com frequência nome a um lugar ou a uma criança; o nome pode ser dado a uma criança sobretudo se a sua concepção foi atribuída a seu favor ou se desejam manifestar a sua presença e estima. Acontece assim uma comunhão vital transformadora e vivificante.

De acordo com Braz *apud* Nabais (2009: 6), “a necessidade, para a indispensável eficácia das relações sociais e económicas, de fixar a cada um dos sítios da terra uma designação que o distinga dos outros é idêntica à de atribuir a cada ser humano um nome próprio que o diferencia dos seus semelhantes”.

A ideia de “*nomem proprium*” para se referir a “onoma” é reactivamente recente, talvez da Idade Média. No entanto, na época de Dionísio (filho de Zeus e Sêmele, princesa tebana - cf., lenda da mitologia grega), o termo “onoma” relacionava-se com objectos, seres individuais e actividades humanas.

De acordo com Carvalinhos:

“o nome de lugares e o nome em geral eram examinados pelos gregos na expressão “onoma”. [...] Assim, antes do século XIX, já existiam estudos que apontavam para tentativas de sistematização, ainda que carecendo de um direccionamento sólido. Citamos, apenas, a proposta de uma “proto-taxionomia” pelo padre Martin Sarmiento, em 1785, cujos estudos referentes à toponímia galega já apontam a necessidade de se estudar os nomes de lugares não apenas por filiação linguística, etimológica ou datação, mas por sua própria substância semântica” (Carvalinhos 2008: 3, grifo meu).

De acordo com a mesma autora, no século XIX, Auguste Longnom instituiu na École Pratique des Hautes-Etudes, de Paris, a toponímia como disciplina científica. A sua obra *Les noms de lieu de la France* foi referência para os estudiosos como Albert Dauzat, já no século XX. Foi Albert Dauzat (com *Les noms de lieux*, publicada em 1928) quem impulsionou os estudos de toponímia em França, baseando a sua investigação no método das áreas e na geografia linguística (Carvalinhos 2008: 4).

Em Angola, pouco ou nada existe sobre o assunto em investigação, pelo que apenas é possível apoiarmo-nos em alguns factos que constituem o marco inicial da investigação toponímica em Angola, em geral, e da região de estudo, em particular. Tal é o caso, por exemplo, do “encontro nupcial” entre a cultura portuguesa e a cultura angolana, época em que foi rebaptizada a cidade de São Salvador do Congo, após os primeiros contactos com os portugueses e a conversão do *manicongo*<sup>1</sup> ao catolicismo no século XVI, renomeada de volta por M´Banza Kongo em 1975. E a Baía das Vacas (como inicialmente era conhecida a cidade de Benguela, na época dos primeiros desembarques europeus) foi baptizada com o nome de São Filipe de Benguela, em 17 de Maio de 1917, por Manuel Cerveira Pereira, hoje conhecida por Benguela, Cidade Mãe das Cidades ou Cidade das Acácias Rubras.

---

<sup>1</sup> Mani – é um termo bakongo que significa rei, soberano, chefe supremo, autoridade máxima; este título é utilizado para os soberanos do reino do Kongo, ou seja, os soberanos bakongo durante o exercício das suas funções.

No plano científico e/ou de sistematização, há uma necessidade de elaboração de um projecto de lei sobre a toponímia de Angola em substituição da Portaria 18.137 - A, de 13 de Dezembro de 1971, Diploma de Referência da Divisão Político-Administrativa de Angola (a última), publicado no Boletim Oficial de Angola n.º 290, I Série, de 13 de Dezembro de 1971, como anunciou o Ministro da Administração do Território, Bornito de Sousa Baltazar Diogo (in *jornal de notícias Angop*, 26 de Fevereiro de 2014)<sup>2</sup>.

O plano de harmonização gráfica dos nomes de províncias, municípios, comunas e povoações nem sempre interpreta e reproduz correctamente o verdadeiro significado, bem como os aspectos culturais e etnolinguísticos específicos de cada uma das regiões do país.

No âmbito deste plano, mencionamos o contributo de Zavoni Ntongo, apresentado no seu artigo intitulado “A contribuição para uma normalização ortográfica da toponímia angolana”, onde o autor aborda questões como o processo de aportuguesamento da toponímia que culminou com a desnasalização do grupo consonântico (CNCo→Øco), como são os casos de: Ndombe→Dombe; Nganda→Ganda e Ndembu→Dembos; Mbalundu→Bailundu; Mbunku Zau →Buco Zau; Nsoso→Sosso e Ndanjamba→Jamba, ambas zonas circunvizinhas da província de Benguela. Este autor propõe uma normalização e uniformização gráfica sobretudo para a região norte e leste de Angola.

No entanto, é a Direcção Nacional de Organização do Território que tem a responsabilidade de executar as medidas e as tarefas nos domínios da organização do território, da divisão político-administrativa, da toponímia e dos nomes locais (Cf. Diário da República, I Série-n.º 2 de 3/01/2014; cf. também o Art.12.º/Decreto Presidencial n.º 3/14).

---

<sup>2</sup> Cf. [www.portalangop.co.ao/portal/noticias](http://www.portalangop.co.ao/portal/noticias).

Como iremos descrever no capítulo III, os topónimos possuem uma estrutura morfológica diferente (simples ou compostos), apresentando elementos de origem linguística diferente na sua composição.

Deste modo, e segundo estudos toponímicos efectuados, torna-se possível aferir que os topónimos da zona em estudo podem ser agrupados em topónimos de origem portuguesa (aqueles cuja grafia e o sentido histórico constituem herança do passado colonial) e topónimos de origem Umbundu (com uma grafia diferente e com um sentido histórico-cultural Umbundu). Por exemplo: Avenida ou Rua Manuel Cerveira Pereira, Infante D. Henriques (no primeiro caso) e Avenida Comandante *Cassaji*, praça e *cine Kalunga* (no segundo caso).

As causas determinantes destas situações são muito variadas: aspectos geográficos, flora e faunas dominantes ou características, antropónimos, instituições etc.

### 1.3. TRAÇOS HISTÓRICOS SOBRE A TOPONÍMIA

Falar sobre os traços históricos da toponímia de Angola e da região de Benguela, em particular, é reportarmo-nos à época dos descobrimentos portugueses. Foi neste contexto de expansão geográfica que o ocidente se armou e se dirigiu até a costa africana e angolana, em 1482.

Os europeus (de modo particular os portugueses), neste período e ao serviço do poder temporal, foram baptizadores incansáveis de lugares que encontraram (ou descobriram) e colonizaram. Atribuíram nomes às localidades (hoje províncias, municípios, comunas e povoações), de forma correcta ou errónea (de um lado por desconhecimento da língua local, por outro, devido a erros de interpretação ou ainda por erro de tradução), muitos dos quais se conservam até hoje. A história da origem e evolução, corrupção e proliferação destes nomes é, segundo Mota (1950: 13):

“ [...], um tema verdadeiramente empolgante. Através dele podemos seguir continuamente as fases da expansão europeia – a audácia dos descobrimentos e exploradores, que originou a primeira revoada de nomes aplicados aos pontos notáveis do litoral, as primeiras fixações nas terras estranhas, provocando um adensamento de topónimos à volta dos locais preferidos”.

O poder colonial estendeu as designações ao interior nas regiões limítrofes do extremo de Benguela (Bocoió, Balombo e Ganda) e no litoral (Lobito, Catumbela, Benguela e Baía Farta), onde, à semelhança do que foi acontecendo um pouco por todo o país, foram atribuindo nomes que antepunham vogais aos topónimos existentes ou adoptavam os fonemas da língua nativa para o Português.

Assim é, por exemplo, o caso das anteposições dos fonemas: Ngola→ A+ Ngola = Angola; Ndulu →A + Ndulu = Andulu; Mbuila→A + Mbuila=Ambuíla (o caso da histórica e sangrenta batalha de Ambuíla no sudoeste de Angola).

Um outro exemplo é o de transposição de fonemas de línguas nativas para o Português: Nzadi (rio)→(rio) Zaire; Wyé→Bié; Mbocoio→Bocio; Mbalombo→Balombo; Ndombe Yinene→Dombe Grande; Ndambi ya Maria→Damba Maria.

Estes e tantos outros exemplos que podem ser verificados ainda na nossa onomástica (toponímia) ilustram bem a urgência com que se atribuíram os nomes às terras angolanas e benguelenses em particular, como escreve Lukamba (1992: 8-11):

“a suposta urgência era tal que não se podia esperar que “as gentes” pudessem pelo menos entender de que se tratava ou (...) aprender primeiro a comunicar (princípio da normal comunicação). Aliás, como podiam comunicar com elas se não tinham nada de validade, e falavam (diziam) “coisas estranhas” que, não se podia entender?!”.

O trabalho era baptizar e fixar os nomes quanto antes. Assim, é, por exemplo, o caso:

**a) Substituição dos topónimos angolanos existentes por topónimos portugueses<sup>3</sup>:**

<b>Topónimo angolano</b>	<b>Topónimo português</b>
<b>Mbanza Kongo</b>	São Salvador (após os primeiros contactos no séc. XVI), novamente renomeada Mbanza Kongo em 1975
<b>Mbenguela / Benguela</b>	São Filipe de Benguela em 17 de Maio de 1617
<b>Wambo (de Wambo Kalunga)/Huambo</b>	Nova Lisboa entre 1928 e 1975
<b>Lungu / Lubango</b>	Sá da Bandeira até 1975 (em 31 de Maio de 1923 tinha a categoria de vila e em 2 de Setembro de 1901 passou à categoria de cidade)

---

<sup>3</sup> O alicerce sobre o qual se apoiou o poder temporal (influência, tanto na forma de governo como política, que exerce o Estado do Vaticano sobre as pessoas, em que é dado ao sumo pontífice o poder de Vigário de Cristo – O Papa, representante de Pedro na terra) é o da mudança de conceitos locais (nomes locais) sobre a vida e o mundo. Por isso diz Martins que “O acto de colonização é essencialmente um acto de transmissão de cultura” (Martins, Armando (1948), *Correntes Actuais do Pensamento Colonial*. Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, Lisboa,p.5).

Ao aporuguesar tudo, Portugal erradicou as expressões locais, substituindo-as unicamente pelas de Portugal. Assim, dependendo da habilidade de assimilar ou não a língua e a cultura portuguesa, “os angolanos foram divididos em dois grupos: assimilados e indígenas. Para uma efectiva subjugação colonial, estava implícito o princípio do *divide et impera*”. (Okuma 1962: 23, *apud*, Chinbimda, José Simeão Ferreira (2009:9), *O nome na identidade umbundu*, contributo antropológico, Ed. ETU – Estudos da Tradição Umbundu, Huambo.

<b>Uíge</b>	Marechal Carmona, em 1975, em honra do antigo presidente português Óscar Carmona.
<b>N´dalatando</b>	António de Oliveira Salazar até 1975 (N´dalatando é hoje a sede do município de Cazengo e capital da província de Kwanza Norte)
<b>Mbonkoyo</b>	Sousa Carneiro Lara em 1958

Estes não são os únicos casos que a cruzada contra os topónimos locais afectou, mas a partir destes pode inferir-se que os nomes locais foram mudados para nomes portugueses, primeiro, para impor uma cultura; segundo, na tentativa de estruturação da administração e de implantação de um Estado português unificado. As diferenças de línguas e de instituições dos colonizados foram tidas como obstáculos a este projecto e, por isso, tinham de ser banidas.

**b) – Supressão da primeira consoante na transformação das palavras nativas para o português:**

<b>Ncongo</b>	<b>(- N)</b>	<b>Reino do Congo/Kongo</b>
<b>Ngolungo</b>	(- N)	Gulungo (de Golungo Alto, vila e município da província do Cuanza Norte)
<b>Ndombe</b>	(- N)	Dombe (de Ndongo Grande ou Ndombe Yinene)
<b>Mbenguela</b>	(-M)	Benguela
<b>Mbalombo</b>	(- M)	Balombo

## 1.4. DIVISÃO DO ESTUDO TOPONÍMICO

Se por um lado se afirma que não existe unanimidade quanto à adopção do termo toponímia como ciência vocacionada para o estudo dos nomes de lugares, o mesmo não se pode dizer quanto à divisão da toponímia.

Segundo José Leite de Vasconcelos, Joseph M. Piel, José Joaquim Nunes, Joaquim da Silveira e tantos outros, citados pela *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, a toponímia está dividida em diferentes secções. José Leite de Vasconcelos faz referência à divisão entre o tratado da toponímia em que se estudam os nomes de lugares classificados por língua e a gramática onde se estudam os topónimos, em que se trata da forma como se encaram os topónimos segundo as causas que os originaram (cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXII (verbetes “Toponímia”), Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda, 1945, 73).

Ao contrário de Leite Vasconcelos e de todos os teóricos que comungam do seu tratado, um outro grupo de toponimistas dividem o tratado da toponímia em maior e menor, dando neste tipo de estudo maior importância à primeira (toponímia maior). Desse grupo podemos destacar Lázaro Carreter, autor citado por Carlos Ferreira, segundo o qual a toponímia “se subdivide em toponímia mayor o de grande lugares: pueblos, rios, montes, valles, etc., y toponímia menor o nombres de pequeños lugares: arroyos, torrenteras, dolanos, riscos, altozanos, hondonadas, etc. (Carreter 1971, apud Ferreira 2013: 47).

Diante destas duas posições (ou destes dois grupos), Leite de Vasconcelos, no âmbito do primeiro tratado divisório, aborda dois aspectos fundamentais que norteiam o nosso estudo: aspectos linguísticos ou melhor, a “gramática toponímica” como bem denominou o autor.

Mas, ao tomarmos posição sobre esta teoria, não significa sermos a favor de dispensar a segunda. Pelo contrário, esta é considerada também bastante importante e por essa razão, e caso se tivesse de optar entre a maior e a menor (relativamente à importância), um tratamento igual seria escolhido; esta importância depende da forma e do lugar a estudar e dos objectivos e dos resultados esperados.

Nesta vertente, Ferreira (2013: 47) partilha e fundamenta um tratamento igual para a toponímia dita maior e menor, cuja importância de suas bases podemos encontrar no pensamento de Frango Garcia, segundo o qual:



“Efectivamente, son muchas las voces toponímicas, también abundantes en la llamada toponímia menor, que no dejan lugar a dudas sobre la existência de yacimientos arqueológicos en el terreno por ellas denominado. Por tanto, no será científica la metodología toponomástica que, apriorísticamente, estableza una separación tajante entre topónimos mayores y menores. Cundo menos, los microtopónimos, muchos de ellos especialmente «transparente», servirán de perspectivas para una más exata comprensión histórica de los nombres de lugares habitados en la actualidad” (Frango 1979:112).

### 1.5. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA TOPONÍMIA

Angola atravessa uma nova fase da sua história. Este processo exige um elevado nível de informação, formação e organização do seu espaço geográfico.

Por este facto, o estudo da toponímia como área científica que examina os nomes de lugares reveste-se de singular importância, sobretudo para um país como o nosso, onde rareiam documentos escritos e abundam informações na sabedoria popular. A urgência da transferência destes conhecimentos da oralidade para documentos escritos revela-se fundamental e é um assunto a encorajar, muito embora, se saiba que “a força das línguas africanas em geral e Banto (*Sic.*) em particular está precisamente no seu carácter essencialmente oral” (ESTERMANN,1966:129-147); conscientes do “lugar privilegiado” das línguas bantu, achamos urgente a transferência das informações existentes na tradição oral para documentos escritos, pois, nada se saberá sobre o passado devido ao desaparecimento de pessoas mais velhas da comunidade, aldeia ou povoação com quem desaparecem ou morrem também vários topónimos.

Segundo Pindal 1998: 7,

“Los nombres de lugar son viva voz de aquellos pueblos desaparecidos, transmitida de generación en generación, de labio en labio, y que por tradición ininterrumpida llega a nuestros oídos en la pronunciación de los que hoy continúan habitando el mismo lugar...”.

Para tal, como já foi referido, é urgente extrair dessas fontes informações necessárias sobre a origem e o significado dos nomes da região, para que as pessoas conheçam os nomes de suas zonas.

A toponímia, pela sua essência, apoia-se em várias ciências afins: a Lexicologia e a Semântica<sup>4</sup>, que permitem, no âmbito etnolinguístico, conhecer os aspectos históricos, culturais e geográficos, como também, dão ao toponimista uma visão holística da realidade da região e se configuram, por este facto, como um elemento importante na vida das populações.

Os topónimos, na opinião de Dick (1990: 21-22), são:

“verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, [os topónimos] encerram, em si, um valor que transcende o próprio ato de nomeação: se a toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além seu foco originário, dilatando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora sua presença dinâmica”.

Facilmente pode dizer-se que o estudo da toponímia como disciplina científica não é alheio ao contexto histórico-político da comunidade. A toponímia encerra um elo de ligação com o processo histórico e a influência deste na vida comunitária em diversas manifestações, como também liga o seu profissional (toponimista) à realidade na qual se encontra inserido.

O exame dos nomes (de pessoa ou de lugar<sup>5</sup>) ganha (na região em estudo) o mesmo valor de “liga-me”, pois o Umbundu faz dele uma espécie de *vade mecum*. Por isso, diz-se que o nome é para o Umbundu um meio de união e de integração na comunidade.

---

<sup>4</sup> Semântica é a disciplina da linguística que se ocupa da significação das palavras e expressões linguísticas, bem como das relações de sentido que estas estabelecem entre si. (Cf. [www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/semantica](http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/semantica), acedido no dia 13/10/2014).

<sup>5</sup> Quando fizemos referência ao nome, não só nos restringimos aos nomes de pessoas, como também aos de lugares. Muito embora, na sua génese, os nomes de lugares estejam associados aos nomes de pessoas (a antropónimos). Por esta razão, escrevemos: nome (de pessoa e de lugar) e porque o que mais interessa à nossa abordagem são os nomes de lugares (toponímia) e não nomes de pessoas (antroponímia), embora seja difícil ou quase que impossível dissociar.

Assim, o estudo da toponímia, pela sua essência, ajudará não só nos registos de factos históricos, em aspectos ligados à fauna e à flora, aos acidentes físicos e humanos, ideologias ou crenças como também, permitirá conhecer e divulgar os nomes de lugares não conhecidos. Ajudará a trazer à memória nomes dispersos e permitirá grafá-los em documentos oficiais. Possibilitará resgatar os valores culturais “que se julgam perdidos”, na nossa sociedade, e construir uma memória e identidade na sociedade. Ajudará na nomeação de novos espaços, não apenas por meio de significado histórico, mas também linguístico e com um elevado valor sociocultural, à semelhança de quem encontra um objecto soterrado e retira toda a poeira por reconhecer o seu singular valor.

### 1.6. TOPONÍMIA: ESTRUTURA E FUNÇÃO

O acto de dar nome a uma coisa ou pessoa implica em alguns caso conhecê-la. Isto significa descobrir a sua proveniência ou pelo menos identificar o grupo a que pertence como por exemplo: *vakuabela*, (pessoas de proveniência de zonas chuvosas) *vakuabundu* (pessoas de proveniência de zonas nublosas) e *vakuadjala* (pessoas provenientes de regiões desérticas), atributos que se assemelham a um totem. Assim, o conhecimento sobre o nome permanece de certa forma ligado(a) à natureza.

Segundo Dick (1992: 18):

“o topónimo, embora seja, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado”.

Dick faz menção às características e funções do topónimo, com particular destaque para os elementos essenciais do processo de denominação do topónimo, o qual ocorre na intenção do sujeito denominador (aquele que nomeia ou denomina um lugar), que, ao ir buscar ou escolher o nome, em circunstâncias de ordem, sejam elas de natureza objectiva ou subjectiva, armazena um significado exacto de aspectos físicos, antropológicos e culturais presentes na denominação.

Segundo Ullmann (1987: 154), o topónimo tem a função principal de “identificar e não de significar”. Acrescenta o autor que “os nomes próprios não são conotativos: designam os indivíduos que por eles são chamados; mas não indicam nem implicam nenhum atributo como pertencente a este indivíduo”.

O potamónimo Katombela confirma esta opinião; a sua origem surge em virtude da nascente com o mesmo nome (Alto Katombela). Outra fonte aponta para a génese a partir de “perdizes” e sobretudo para a sua estrutura somática e os seus membros superiores encurvados ou tortos: “*Kasambaga ovolu vyopenga*” (*Kasambaga* tem as pernas tortas por causa de um acidente ou azar). Assim sustenta Gabriel Kanivete<sup>6</sup> e outra fonte, haurida da hermenêutica das fontes orais sobre o surgimento de muitos topónimos do território de Benguela. Uma outra opinião remonta a géneses de um adágio popular em Umbundu: *Soma katombelua kotchaye* (O *Osoma* não pode ser subjugado naquilo que é seu). Independentemente da origem, o rio *Katombela* ou *Catumbela* continuaria a ter este nome, mesmo que o curso das suas águas fosse desviado por qualquer força da natureza.

Ullmann (1987: 154) conclui dizendo: “sempre que os nomes dados aos objectos comunicam qualquer informação, isto é, sempre que têm qualquer significado, esse significado não reside no que designam, mas no que conotam. Os únicos nomes de objectos que nada conotam são os nomes próprios; estes não têm nenhuma significação. (...), embora os nomes próprios não tenham significado isoladamente, «conotarão» muito se se aplicarem num contexto específico a uma pessoa ou lugar particulares”.

Este pressuposto identificador invocado por Ullmann é muito importante, mas não é o único pois, na região em estudo, os dois elementos (identificar e significar), embora não constituam as razões essenciais deste trabalho, são fundamentais se tivermos em conta a especificidade e o valor antropológico ou cultural que têm os nomes dos lugares para a população de Benguela.

Porém, podemos admitir que a função identificadora e não significativa aludida por Ullmann (1987:154) refere-se à “questão da situação específica do topónimo. Porque este é um signo similar aos demais da língua e por esta razão, sujeito às mesmas leis que orientam as unidades lexicais do sistema linguístico”.

---

<sup>6</sup> Gabriel Kanivete, natural da “hanha” e grande conhecedor e pesquisador deste povo. Licenciado em Pedagogia pelo ISCED de Benguela.

Segundo Dick (1992: 16) o topónimo “não é um signo linguístico específico, mas, ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares que, como signo linguístico enriquecido reflecte os aspectos culturais, sociais, económicos, políticos, físico-geográficos, ou seja, apresenta, em sua origem, aspectos de natureza extralinguística relacionados com a realidade nomeada”.

Nesta perspectiva, parece mais clara a opinião de Isquierdo (1997: 31-32), segundo a qual:

“na situação específica do topónimo, além de determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, económica e socio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador”.

Os topónimos são resultados de sentimentos vivenciados pelo sujeito nomeador antes da nomeação, embora se diga amiúde que “dar nome é um acto livre”. Esta acção de atribuição de nomes às pessoas e às coisas, nunca é, para o Bantu-Ovimbundu, alheia ao contexto sociocultural da comunidade circundante, pois o ovimbundu nasce, cresce e vive em comunidade e nela permanece para sempre. Por esta razão, a maior parte dos nomes de lugares desta região estão sempre ligados a motivos ou factores que de uma ou de outra forma, marcaram a vida de quem os nomeou. Por esta razão, imprimem neles um valor significativo que favorece o sublinhar de aspectos linguísticos, histórico-culturais e geográficos da região.

Salazar Quijada, antropólogo venezuelano, citado por Renato Pereira, sustenta que “o nome de lugar constitui um bem patrimonial de um país e é por meio desses nomes que as nações demonstram sua personalidade geográfica e se singularizam em meio aos demais territórios. Acrescenta o autor que a atitude do homem de identificar e qualificar os lugares à sua volta demonstra motivações espirituais, significações especiais para a comunidade sobre aspectos políticos, económicos, religiosos e culturais” (Quijada 1985 *apud*. Pereira 2009: 36-37).

Quanto à sua estrutura, o topónimo é constituído por um elemento genérico, também designado por termo genérico, e um elemento ou termo específico, sendo que o primeiro aponta para o elemento designado e o segundo para o designante.

Do ponto de vista da estrutura morfológica, segundo Dick (1992: 13-14), os topónimos são classificados como sendo simples e compostos, sendo que a primeira categoria (dos elementos simples), de acordo com a autora, “é aquela que faz definir por um só formato (seja substantivo ou adjectivo), podendo, contudo, apresentar-se também acompanhada de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas). Ao contrário, o elemento ou topónimo composto é, segundo a investigadora Dick, “aquele que se apresenta com mais de um elemento formador de origem diversa entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas, que talvez apenas a história local poderá elucidar convenientemente”.

A título de exemplo, o topónimo e hagiopónimo ou hagiónimo São João Baptista do Cassoco, que, segundo a classificação apresentada, poder-se-á fazer corresponder a um elemento ou topónimo genérico e composto, não pela naturalidade ou pela proveniência linguística, mas porque o mesmo termo se encontra grafado em vários lugares (igreja, centro paroquial e bairro). No caso do bairro do *Cassoco/Kasoko*, o termo converte-se num elemento toponímico simples, porque diz respeito ao nome do bairro (Bairro de São João Baptista do Cassoco ou Bairro São João do Kasoko).

Assim, o hagiónimo São João Baptista do *Cassoco/Kasoko* pode ser usado tanto comumente como topónimo genérico/composto (São João Baptista do *Cassoco/Kasoko*) ou individualmente como Bairro do *Cassoco/Kasoko*).

Um outro exemplo é o antropónimo ou historiotónimo *Mbaka*, que corresponde a um elemento ou topónimo específico e simples. Primeiro, por se definir por um único formante *Mbaka*. Segundo, porque o mesmo termo é, no entanto, “singular”, particularidade que o difere dos demais nomes de lugares do país e por não ocorrer nenhum topónimo grafado com o nome de “*Mbaka, ombaka* ou Benguela” fora da zona em estudo. “*Mbaka*” torna-se, assim, um elemento específico da cidade de Benguela, como veremos no próximo capítulo.

Sublinhamos que há topónimos que podem apresentar por si só, mais de uma categoria estruturante e, por isso, têm múltiplas classificações. Tal é o caso do topónimo, antropónimo ou topo-hagiónimo ‘Ndambi Maria’ ou ‘Ndambi ya Maria’, que tem como formante um termo da língua Umbundu (‘Ndambi’) e outro da língua portuguesa

(‘Maria’). Assim, Ndambi Maria ou Ndambi ya Maria configura-se como um elemento ou topónimo específico grafado como nome de lugar de uma área da região em estudo com múltiplas proveniências.

As características ora enunciadas, embora em sentido restrito, ajudam a clarificar a análise dos topónimos e as motivações dos profissionais em toponímia (toponimistas), cujo conhecimento sociolinguístico da região em análise se torna necessário para a compreensão e descrição da realidade toponímica.

## 2. CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA REGIÃO DE BENGUELA

A presente investigação faz uma incursão sobre o processo migratório Bantu, uma vez que o grupo etnolinguístico dos ovimbundu (que ocupa a maior parte da zona de Benguela) pertence a esta grande civilização (Bantu) que se “situa ao Sul duma linha mais ou menos paralela ao Equador, e que vai do Sul dos Camarões ao rio Juba, na Somália. Exceptuam-se alguns pequenos grupos de povos não Bantu que também habitam essa região de África: pigmeus, hotentotes e bosquímanes ou bochímanes<sup>7</sup>” (Nunes 1978: 26).

É ainda oportuno fazer uma consideração sobre o termo “Bantu”. As primeiras obras sobre a descoberta do sistema linguístico “Bantu”, segundo Lukamba (2014: 30):

“remontam a 1624, 1650, 1659 e 1697, por mérito dos Jesuítas e Capuchinhos missionários em Angola. Desde então até ao século XIX, as línguas ‘Bantu’ eram conhecidas pelo seu sistema de classes e não existia ainda a questão ‘Bantu’. O ponto de partida foi dado por W. H. J. Bleek que, em 1851, defendeu na Universidade de Bona uma tese tratando das línguas por classes, na África Austral. Publicou em seguida a sua obra *Comparative Grammar of the South African Languages*. Por seu lado, Barth publicou o seu estudo, em 1852, sobre as ‘Ba-Sprachen’ (Línguas-Ba), ‘Ba’ do facto de essas línguas no plural da primeira classe empregarem este classificativo. A este estado de investigação e publicações, G. Grey sugeriu designar com o nome de línguas ‘Ba-ntu’ todas essas línguas, uma vez que a raiz ‘ntu’ era comum a todas elas. Estava assim lançado o termo ‘Bantu’, ainda que referido apenas às línguas”.

Os Bantu (o conjunto de povos ou de seres humanos), através do radical *ntu*, provêm, segundo relatos históricos, da região centro ocidental da África. Provavelmente

---

<sup>7</sup> Os Khoisan parecem ter sido o grupo mais antigo que habitou o território angolano. Os Khoisan são constituídos por bosquímanes e hotentotes. Segundo Rendinha, “consideram-nos autóctones do sul de África, descendentes do homem Boskop, especialmente na região do Boskoipe.

Khoisan: o termo foi proposto por J. Shapera e adoptado em numerosos trabalhos, é uma combinação das palavras khoi e khoin que significa “acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais”. Trata-se portanto, segundo Oldergger D. da qualificação de um grupo humano em função do género de vida e modo de produção (Cf. *História Geral de África*, s/d., 1.º volume, p.297).

Segundo José Rendinha, “dum modo geral, a origem dos bosquímanes ainda se discute. A paleontologia africana ainda não forneceu um tipo remoto bosquímane propriamente dito (Cf. Rendinha, José, s/d., in *Análise de modelos pastorais da igreja evangélica congregacional de Angola*, p. 6).



durante mais de 2000 anos, os Bantu foram migrando desde as regiões centrais do continente. Entretanto, a ciência, sobretudo a ciência histórica, não dispõe de dados exactos sobre o local, onde se desencadeou o processo migratório dos Bantu e do grupo Bantu de Angola de modo singular.

## 2.1. PENETRAÇÃO DOS BANTU EM ANGOLA

A crescente e prolongada desertificação da região norte do Sahara, as perseguições e guerras com outros povos vizinhos do Norte, as dificuldades ambientais, no campo económico e da saúde, a pobreza do solo por falta de água, a procura de bem-estar, segurança e do maior progresso demográfico e cultural, concorrem para as razões que estão na base do processo migratório dos Bantu em Angola. Numa longa viagem, atravessando com dificuldade a zona da floresta equatorial, numa longa marcha, chegaram por volta do século XIII d.C. à região do Zaire (Angola), munidos de armas de ferro (os Bantu tinham a técnica do fabrico de ferro) e utensílios para defesa, com os quais lutaram vitoriosamente contra os pigmeus e bosquímanes, numa repressão demográfica, em direcção ao Sul.

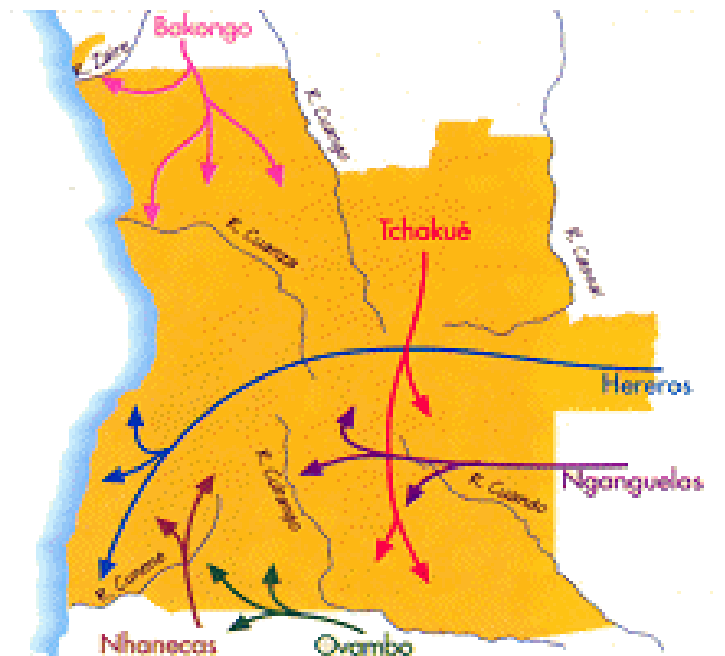


Figura 1- Mapa sobre a distribuição Bantu em Angola (Povos e Língua de Angola); Fonte: Mapa sobre a distribuição Bantu em Angola (Povos e Língua de Angola)

No solo angolano, com o passar do tempo, os Bantu foram-se depurando e formaram grandes grupos etnolinguísticos, e, segundo Altuna:

“Todo o conjunto cultural étnico de Angola actual é expressão do posterior desenvolvimento da riqueza cultural criada pelos Bantu numa série de regiões. Hoje, a população Bantu de Angola abrange nove subgrupos: Bakongos, Quimbundos, Ovimbundos, Lunda-Tchokwé, Ngangelas, Nhanecas-Humbes, Ambós, Hereros, Xindongas” (Altuna 2006: 20).

Mas o processo da Linguística Africana, de maneira particular neste sector *Bantu*, demonstra hoje o critério de *muntu*, *munto*, *omuno* (singular) e *Bantu* (plural) para classificar esses povos, o que para nós é bastante insuficiente. Seria necessária uma investigação no sentido de acrescentar outros elementos, que segundo Lukamba (2014: 30), “ressaltam igualmente a unidade cultural de todas essas zonas”.

Embora concordemos que não há ainda acordo sobre as informações bantu e sobretudo sobre a questão das origens, cremos ser um assunto a pesquisar. Ainda que sejam difíceis de detectar, devem ser investigadas no sentido de identificar a unidade cultural do sistema de línguas por classes e de um fundo comum de vocabulário de base.

## 2.2. O GRUPO ETNOLINGUÍSTICO OVIMBUNDU

Os Ovimbundu constituem o grupo etnolinguístico<sup>8</sup> mais numeroso de Angola: aproximadamente um terço da população africana de Angola.

---

<sup>8</sup> Embora não seja “etnia” mas “etnolinguístico” o termo empregado, importa dizer que, a nível sociológico, é demasiado forçoso usar a terminologia etnia para se referir a um grupo linguístico como é o caso dos povos de Angola. Assim, como bem disse Pedro Chombela, “O termo etnia ganhou nuance como carga sócio-política polémica. *O mesmo se diga de “tribo” e raça*. Nos últimos tempos, quando se fala de etnia ou de tribo se pensa imediatamente no genocídio de Ruanda e na limpeza étnica (entenda-se ‘caça ao homem’) realizada em vários países que viveram ou vivem a guerra civil, sem excluir a própria Angola. (...), crise de identidade dos grupos sociais, (...) é uma das consequências da globalização que vai anulando não só as distâncias como também *as fronteiras geográficas cujo trabalho de exame toponímico que estamos a realizar vai ajudar não somente no conhecimento ou delimitação dos espaços geográficos como também em encontrar informações úteis sobre a história do povo e da construção dos padrões de identidade*”. (Chombela, Pedro Gabriel, 2013, (K) Ondjembo, Elementos epistemológicos dos éskaton antropológico na Paideia “Hanha” entre os Ovimbundu, 1ª Edição, Edizioni Vivere In, Roma). (grifo meu).

A língua Umbundu é falada pelo grupo que vive no centro sul de Angola, províncias de Huambo, Benguela, Bié, Lubango, Kwanza-Sul, mas a sua influência é, segundo Chombela (2013: 51), “notável noutras províncias vizinhas como é o caso da província do Namibe, a parte Noroeste da província do Kwandu Kubangu”. Dos cerca de 24.383.300 (vinte e quatro milhões, trezentos e oitenta e três mil e trezentos) habitantes que se estima haver em Angola (1985-2014), segundo dados do Recenseamento Geral da População e Habitação apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola, no dia 16 de Outubro de 2014, cerca de seis milhões fala Umbundu.

O termo “Ovimbundu” deriva da evolução semântica do termo *mntu ou munthu*; segundo Chombela (2013: 54), o termo *mntu* constitui a raiz da origem linguística comum dos Povos Bantu (*Banthu ou Vanthu*)<sup>9</sup>, povos com características linguísticas comuns.

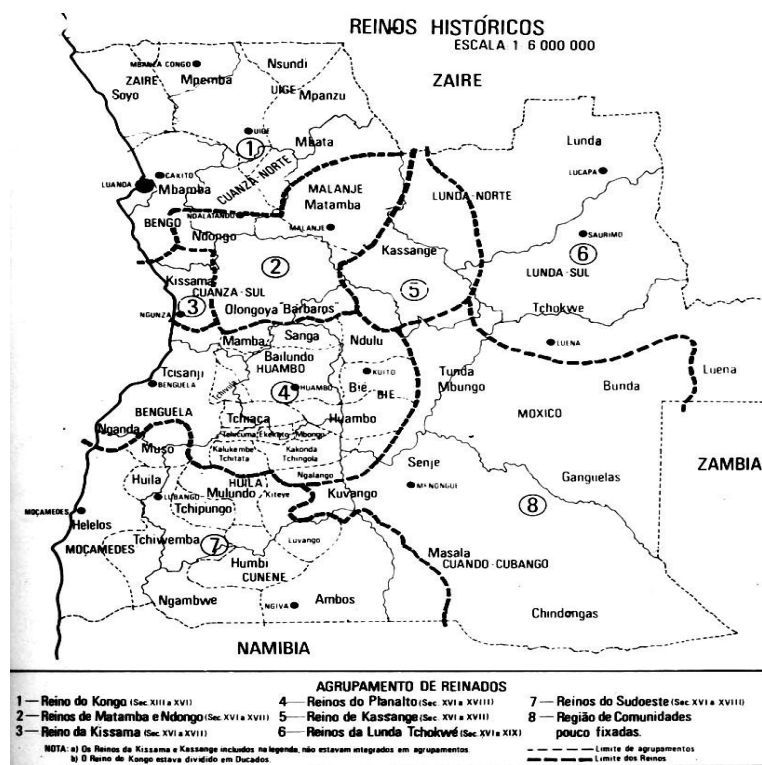


Figura 2 - Mapa de agrupamento de Reinos (Reinos Históricos); Fonte: [www.africafederation.net/Ovimbundu](http://www.africafederation.net/Ovimbundu). Acedido no dia 04/11/2014

Na sua integração, no planalto central destes membros do grupo Bantu, o termo Ovimbundu tem, na sua origem relação com o termo “*mbu*”, uma partícula adjetivante

<sup>9</sup> Nas línguas africanas de raiz Bantu, o «b» do termo Bantu é substituído pelo «v». Deste modo, é mais comum encontrar entre os africanos o termo *vantu* e *ovantu* (Cf. Malumbo, Moisés, 2005, *Os Ovimbundu de Angola: Tradição – Economia e Cultura Organizativa*, Edizioni Vivere In, Roma, p.57).

em Umbundu que significa “a qualidade do que é preto, negro ou escuro”. O termo exprime, em Umbundu, a cor carregadamente escura, singular do homem negro-africano, designado na língua Umbundu como *vakatekãva*, isto é, as pessoas ou os povos de pele escura, isto é, os negros.

Moisés Malumbu, fazendo referência ao antropólogo e dicionarista Albino Alves (autor do Dicionário Umbundu-português), quanto à palavra “ovimbundu” a partir da partícula “bundu”, sustenta que “a mesma se traduz na língua por “o’ombundu” que significa ‘poeira’ ou ‘nevoeiro’. Na história das migrações e das guerras da expansão dos povos Bantu conta-se que a sua chegada era anunciada pela poeira que os seus pés levantavam. E assim o termo “Ovimbundu” teria sido aplicado aos povos proto-Ovimbundu: aqueles cuja chegada ou cujo ataque se faz notar pelo levantamento de uma densa nuvem de poeira” (*vana vatumula ombundu*) (cf. Malumbo 2005: 58; cf. Tb. Chombela 2013: 56).

O termo “Ovimbudu”, conceptualmente, não exprime somente as características do ângulo facial e de outras estruturas físicas que definem os traços étnicos de um determinado grupo social de pertença, mas também e sobretudo as pessoas cuja pele é de cor marcadamente escura ou negra.

Pelo contrário, outro vocábulo, por exemplo “Bailundos”, termo pelo qual os portugueses quiseram chamar todos os ovimbundu, não tem nada a ver com a questão da cor da pele, nem com o ângulo facial, mas sim com uma região geográfica; os *Mbandundu* expandiram-se quantitativa e geograficamente, passando a partir de então a ser identificados, segundo Malumbo (2005: 59), “como um grupo social [...] que passou, por isso mesmo, a chamar a atenção de diversos estudiosos da história, etnografia e antropologia africana, sobretudo os que se interessam por este grupo têm avançado seus exames até à região de Benguela onde a população é maioritariamente Umbundu”.

O Umbundu é a língua mais falada, com 81,5%, seguida do Português com 17,3%.

Por esta razão, é importante escrever os vocábulos desta língua (Umbundu) em conformidade com a grafia do Instituto de Línguas Nacionais (cf. Boletim n.º 1 – *Alfabetos das Línguas Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokue, Mnunda e Oxikuanyama*, Luanda, 1987, p. 10), aproximando-a da defendida pelo gramático José Pereira do Nascimento (1894) *Gramática do Umbundu ou Língua de Benguela*, Imprensa Nacional, Lisboa e pelos dicionaristas Grégorire Le Guennec e José Francisco Valente (2007) *Dicionário Português-Umbundu*, Escolar Editora – Angola.

O quadro alfabético Umbundu apresenta 23 grafemas e dígrafos ordenados do seguinte modo: a,b,e,f,h,i,k,l,m,mb,n,nd,ng,ñg,nj,o,p,s,t,u,v,w,y

Deste 23 grafemas e dígrafos, cinco correspondem às vogais: *a, e, i, o, u*. As vogais *a, e, o* na sua pronúncia são sempre abertas e nunca fechadas.

As semivogais são: *y, w*. De acordo com Guennec & Valente (2007: 11), embora “estas semivogais não façam parte do alfabeto português, em Umbundu, o seu emprego é absolutamente indispensável, quer para leitura fonética, quer para a compreensão morfológica, em virtude do princípio das línguas bantas (*Sic.*). No encontro de duas vogais, entre duas palavras ou no corpo de uma palavra, uma dessas vogais suprime-se ou ambas se transformam”.

As consoantes dividem-se em: simples, nasaladas e duplas, tal como ilustra a tabela a seguir:

Consoantes simples	Consoantes Nasaladas	Consoantes duplas
<i>f, h, k, m, n, s, t, v</i>	<i>b=mb; d=nd; g=ng; j=nj; p=mp.</i> <i>g</i> é sempre duro nasal: <i>nge=ngue, ngui=ngui.</i> Ex.: Songela= Songuela.	<i>ch=tx.</i> Ex.: <i>ochikumbu; otxicumbu.</i> <i>nj=ndj.</i> Ex.: <i>onjevo=ondjevo.</i>

Fonte: Nascimento (1894: 2)

Assim, de uma forma geral, os grafemas do alfabeto Umbundu têm a seguinte correspondência: *o/A-a/* corresponde a [ã] ou mantém-se em regime latino, conforme as circunstâncias. *O/B-b/* em Umbundu não existe como consoante simples, sendo sempre antecedido de *m* e formando o grupo [mb] (ex.: *Mbalombo, Balombo*).

O grafema */C-c/* representa o fonema [tʃ]<sup>10</sup>. O */S-s/* não necessita ser dobrado para substituir o *C*, como os funcionários do registo civil fizeram com o meu nome “Kessongo” em vez de “Kesongo”. Ainda dentro das consoantes simples (nasaladas), podemos mencionar */D-d/*, [Nd-nd], */G-g/* [Ng-ng]. O */G-g/* em Umbundu, de acordo com Guennec & Valente (2007: 15), “conserva sempre o som gutural, qualquer que seja a vogal que se lhe

<sup>10</sup> O fonema [tʃ] é de acordo com o alfabeto das Línguas Nacionais /Tché/ (Cf. Boletim n.º 1 – *Alfabetos das Línguas Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokue, Mnunda e Oxikuanyama*, Luanda, 1987, p. 10).

siga. Se em português, quando seguido de *e* / *i* se pronuncia [j], v.g. geometria, geral, gigante, etc., em Umbundu guarda sempre o som de [g], ainda que seja seguido de *e*, *i*. Exemplo: *Nganda*, Ganda; *engenda*, viagem; *engingi*, rancor; *ongongo*, encosta; *ongulu*, suíno”.

*Ng-ng*: segundo os mesmos autores, “a consoante *ḡ* (*g* com til) é aduzida para expressar a consoante molhada-velar, cujo som se deixa em suspenso, porque pronunciado pelo nariz e com a língua arqueada contra o céu-da-boca, como em inglês *king*. Como em Umbundu a consoante, simples ou composta, é sempre seguida de vogal, o grupo *ng* expressa duas nasalações: a primeira, pedida pelo *n* antecedente ao *ḡ*, como o é para o *g*; a segunda, incidindo na vogal que se segue ao *ḡ*, nasalação que não faz na vogal que segue ao *g*” (Guenec & Valente, s/d.: 16). O *e* mudo não existe, é sempre aberto, o *h* é sempre aspirado<sup>11</sup>. O /*j*/ com [nj]<sup>12</sup>.

*OK-k* tem o valor de [c], (como nas palavras integradas na Língua Portuguesa: *ca*, *co*, *cu*), quer seguido de *a*, *o*, *u*, quer quando seguido de *e*, *i*. De acordo com Guenec & Valente (2007: 14): “A inclusão desta consoante na grafia das línguas bantas (*Sic*) salvaguarda o princípio que propõe ‘cada grafema com um único fonema’. A vogal *O* tem sempre o som de [o], *e* nunca *U* (ex. *Umbundu* e nunca *umbundo*, como se pode ler até em alguns mapas etnolinguísticos de Angola). Seguem neste caso a grafema *L-l* que tem sempre o valor de [l], e nunca de *r*; *M* sempre com o valor de [m], o *N* sempre com o valor de [n], mesmo quando seguido de *y*, nasalando a vogal seguinte (ex. *naho*, no mesmo instante; *okutana*, falar; *onuli*, negaça; *unino*, nitidez; *onumwa*, novo; *onyule*, retorno), *P-p* sempre com valor de [p], (ex. *epata*, parentesco; *ochipepo*, peneira; *olupito*, passagem; *epipi*, paloncice; *epito*, porta) e o *T* sempre com o valor de [t], *t*, mesmo quando seguido de *y*, exemplos: *etambo*, templo; *okutuvika*, tapar; *uteka*, tinta; *okutyamela*, pertencer; *okutyla*, restituir”.

Segundo Armindo Jaime Gomes, os prefixos têm várias funções. Os prefixos são representados por *O*, *U*, *Oci*, *Olu*, *E*, *Oka*, neutros e singulares ou por *A*, *Oma*, *Ovo*, *Otu*, *Ovi*, *I*, *Ova*, *Olo*, *Vi*, *Va*, neutros e plural.

---

<sup>11</sup> *H-h* – quer no princípio do vocábulo, quer no meio do vocábulo quando entre vogais, fora dos dígrafos *ch*, *nh*, sempre aspirado. Exemplo: *handi*, ainda; *hela*, amanhã; *hindikisa*, hospedar; *hoya*, altercar; *humba*, cerca; *ohala*, cal; *ohela*, jogo do xadrez; *kulihisa*, conhecer; *ohuta*, farnel (cf. Guenec, Le & Valente, José, s/d., *Dicionário Português-Umbundu*, Escolar Editora – Angola, p.14).

<sup>12</sup> Em Umbundu, pelo que sabemos, o grafema *J* corresponde ao *nj* e como estas consoantes não produzem uma ordem fonética, ela passa automaticamente para *ndj*.

Deste modo, havendo ou não variantes, este é o Umbundu falado e escrito nas zonas da Ganda e Cubal, onde existem muitas ditongações e uma ausência de acentuação. O Umbundu falado no município sede de Benguela, pelos nativos ou por aqueles que muito cedo abandonaram o interior e fixaram residência neste município, é idêntico ao das duas zonas indicadas anteriormente.

A sociolinguística de Benguela liberta-se, hoje, do preconceito sincrónico: “Devemos entender a língua na sua perspectiva diacrónica e diatópica. Isto é, que língua se fala em Benguela? Nós não podemos iluminar somente o hoje. Na verdade, o hoje, não dá conta de todo recado, onde a língua está parada. Seria a tal sincronia (olhar tudo ao mesmo tempo)”<sup>13</sup>.

Por esta razão, uma abordagem justa tem de ser diacrónica, uma vez que o problema da língua em Benguela está ligado e/ou relacionado com a história das migrações, o cruzamento de grupos etnolinguísticos e a história de uma certa conflitualidade linguística (entre o Umbundu e o Português).

Grosso modo os Ovimbundu cobrem quase a totalidade do território da região de Benguela, no entanto, não são uniformes. Em Benguela, existe uma variação linguística, fruto não só do tempo como também da expansão geográfica. Assim, encontramos no centro de Benguela o grande grupo Hanha, que segundo Gabriel Kanivete, se separou dos Va Tchilenge (*musyo* e *humbi*), e entrou pelo sudoeste da actual região Hanha que deu o nome à tribo<sup>14</sup>.

Os Muhanha localizam-se no Centro e Oeste de Angola, na zona interior da província de Benguela. A norte, a tribo é limitada pelo rio *Katombela* (Catumbela), onde vivem também os *Va Tchisandji* (tribo *Tchisandji*) a Sul, pelo rio *Kuporolo*. No passado, este rio não pertencia à circunscrição dos *Va Hanha*, mas sim à dos *Nhane-ka-humbi*, na zona do *Chomgoroi*, *Mundjumbwe*, *Ningi-Ningi*, *Mahumbulo* e *Katengue*. Imediatamente a seguir estão os *Vatchilenge* (tribo *Tchilenge*). A Leste confina com o rio *Kuvale yo Hanha* (rio Cubal da Hanha), fazendo fronteira com a tribo dos *Vanganda*. Segundo

---

<sup>13</sup> Bonifácio Tchimboto, em diálogo, Instituto Superior Jean Piaget, Benguela, Julho de 2014

Professor Doutor Padre Bonifácio Tchimboto é Professor no Seminário Maior de Benguela e Director do Instituto Superior Jean Piaget de Benguela.

<sup>14</sup> Não é fácil reunir em consenso de depoimentos orais e alguns (poucos) escritos sobre a origem dos povos que formam o mosaico cultural de Benguela, pois existem discrepâncias de opiniões.

Bonifácio Tchimboto a tribo Hanha é a mesma que *Vanganda* e *Vakuvale*. A Oeste está o Oceano Atlântico. Mas uma parte da zona oeste de Benguela terá sido dos *Tchissanji* até à actual região do Caimbambo.

Pelo que acabou de ser apresentado, pode parecer que o grupo *Hanha* cobre toda a região de Benguela, mas não. É possível também encontrar na zona de Benguela o grande e guerrilheiro grupo dos *Vatchiaka*, localizados no Centro de Angola, entre a província do Huambo, Bié e Benguela.

Entre a região de *Kambondongolo* e a região de *Kaimbambo*, encontramos os *Vakakonda*. E nas imediações do *Ndombe* existem os *Vakuichi* e os *Vandombe* (povos que têm das grandes diferenças entre si); segundo Gomes (1999: 33) “aos subgrupos de relativa importância tais como os Vandimbá, Vahimbá, Vaciývîlkuâ e os Vangendelêngô. Os Vandombé constituem, hoje em dia, um complexo sociocultural com relativo predomínio na faixa litoral centro-sul, correspondendo às províncias actuais de Benguela e do Namibe em forma de pequenos feudos dispersos entre os Ovimbundu e outros grupos étnicos do sul, não obstante os documentos escritos onde são referenciados como influentes ao longo do litoral desde aos primeiros contactos com os europeus”.

Das investigações efectuadas, as primeiras relações (aparentemente amigáveis) foram muito débeis, não passando para além do comércio de gado e de outros produtos agrícolas. Devido a este movimento comercial que vinha do centro de Angola (Huambo e Bié) até ao Leste (Moxico), o grupo que ali se encontrava era Herero. Herero é um grupo formado pelos Ovimbundu, de tal maneira que hoje podemos pensar que a língua Herero é uma variante do Umbundu; os habitantes desta zona cruzaram-se com um grupo do Sul de Angola.

Junto do rio *Katombela* (Catumbela), podemos observar um outro cruzamento de grupos que se agrupam um pouco no município do Bocoio, onde maioritariamente são *Tchissanji*. Podemos encontrar também os Celes, que ocupam o Nordeste do Bocoio e que ocupam maioritariamente a província do Kwanza Sul. No extremo, encontramos o município do Balombo.

Esta incursão, embora necessária e aparentemente longa, não esgota nem encerra o discurso, muito menos o problema. Se olharmos para história, o Português não pode ser



ignorado: “O português veio e ganhou cidadania no meio de nós. O asfalto [...] está dominado pelo português. O português é um elemento que não deve ser ignorado”<sup>15</sup>.

Segundo Costa (2013: 24) “...Durante a colonização, o português foi a língua de ensino e, depois da independência (1975), o governo optou pela sua permanência não só como veículo de ensino, mas também como língua oficial. Ela teve grande influência no país, sobretudo nas grandes cidades, servindo de veículo de comunicação entre os nativos e comunidades estrangeiras e entre os nativos de etnias diferentes”.

Hoje, se se considerar a estatística, é possível dar conta de crianças cujo Português é a língua primeira. “ [...], para algumas crianças e jovens, o português chega a ser sua LM e para outros não passa de uma língua oficial, visto ser aprendida mais tarde, na escola ou de maneira informal, pois uma coisa é conhecer uma língua e outra é dominá-la” (Costa 2013: 26).

Segundo a mesma autora, “estudos [...] recentes são a favor da atribuição do português/LM a uma parte muito significativa das crianças e jovens angolanos, sobretudo das grandes cidades de Angola. [...], as crianças de Angola aprendem o português como língua (L2), exceptuando nas cidades de Benguela e Lobito..., na cidade de Luanda,...o português...é a L1 da maior parte dos jovens da capital (e das cidades de Benguela e Lobito). Desde os primeiros momentos, essas zonas estiveram em contacto com a LP, por serem zonas do litoral e de maior afluência portuguesa. Por isso, supomos existirem, desde muito cedo, os chamados “pretos assimilados”, que adoptaram os costumes e a língua portuguesa ou então, o chamado “*pretoguês*” ou português do preto...” (Costa 2013: 26.cf.tb. Agnela Barros, 2002: s/p).

E a conflitualidade do português com as línguas angolanas de origem africana é sem dúvida um pouco mais dolorosa, porque as resistências das línguas africanas são relativamente fracas confrontadas com o Português.

Se se olhar pela história das línguas africanas, lembramos os artigos do Decreto n.º 77 de Norton de Matos, o Governador-Geral de Angola, publicados em 1921. De acordo com Tchimbinda (2009: 17), traziam já um inequívoco travão ao uso das línguas locais dentro da sociedade colonial:

---

<sup>15</sup> Bonifácio Tchimboto em entrevista, ISP-Jean Piaget – Benguela, 06 de Setembro de 2014.

“Art.º 2.º: Não é permitido ensinar, nas escolas de missões, línguas indígenas;

Art.º 3.º: O uso de língua indígena só é permitido em linguagem falada na catequese e, como auxiliar, no período do ensino elementar de língua portuguesa”.

A língua é um instrumento-chave através do qual se injecta uma nova mentalidade cultural. Crê-se, por isso, que as autoridades ao serviço do poder temporal (português) compreenderam bem que sem controlar o sector da língua, o projecto de formar uma nação-estado com e nas colónias poderia desmoronar-se. Por esta razão, quiseram apagar as línguas locais e, em alguns casos sob interjeições de castigos corporais, toda e qualquer pessoa que falasse “a língua de cães”. E os ritos e todo o artefacto africano eram considerados na visão do poder temporal “obras de pertença ao reino das estreavas ou de Satanás”. Houve um complexo de inferioridade de usar ou falar a língua africana, complexo que persiste até hoje. É nosso desejo que este estudo possa ajudar algumas pessoas a libertarem-se deste fardo do passado e a melhorarem a sua auto-estima.

O Português (padrão) que se fala em Benguela ou, se se quiser generalizar, em Angola está contaminado pelas línguas angolanas de origem africana. Esta afirmação pode ser confirmada, nos arredores de Benguela, quando se escutar o vocabulário. Podemos encontrar unidade lexical como “assanhadisse” e o sujeito falante julga que está a falar português! Mas na verdade é simplesmente um decalque da unidade lexical umbundu *wasanhalã* que significa alegria exagerada. Apresentamos outros exemplos que manifestam interferências da sintaxe umbundu:

<b>Estão a chamar-te.</b>	<b>Te chamaram no fulano.</b>
<b>A mãe dele perguntou-lhe.</b>	<b>Lhe perguntaram na mãe dele.</b>

Como estes, julga-se haver vários exemplos; um outro é a frase que, segundo Bonifácio Tchimboto, alguém terá dito: “Ir mesmo *mba* é ir (...)! Já não nos pensa mais! Nós tiramos lá *mba* o coração!”

Só entenderá esta frase quem sabe Umbundu. Na verdade é uma “língua de cruzamento”, uma língua submersa que ninguém reconhece e que Bonifácio Tchimboto,

em entrevista, apelidou de *underground*.<sup>16</sup> ; na sua opinião, esta língua “é importante e decisiva numa caracterização de Benguela”<sup>17</sup>.

A sociolinguística tem de ter em conta estes contactos entre línguas. Há uma língua em gestação ou em transformação: um português, em fase de crioulagem ou de mestiçagem que está a pedir uma nova denominação: o português angolano.

### 2.3. O TOPÓNIMO BENGUELA E SEUS LIMITES GEOGRÁFICOS

Etimologicamente o termo “Benguela”, segundo o historiador e investigador Armindo Jaime Gomes “é de origem Umbundu, de *Venga* ou *mbenga*, do verbo *okuvenga* ou *okuvengela* que em Português significa ‘turbés ou ser turva’ (com respeito à água do rio ou lagoa)”, pode significar também “escuro ou opaco” (em relação à floresta fechada). Relativamente ao verbo “*okuvengela*” quer dizer “sujar, turvar ou sujar-lhe”, ainda “*okuvengela*” que designa “turvar-me ou sujar-me; sempre em relação à água do rio ou da lagoa” (cf. Gomes 1999: 27).

Há várias opiniões relativamente à origem do topónimo. Examinando-as numa perspectiva hermenêutica, existe uma hipótese, publicamente conhecida e muitas vezes sustentada por historiadores, segundo a qual o topónimo *Mbegela* deriva do rei fundador de um possível ‘reino de Benguela’. Este facto justifica a génese do antropónimo *Mbemgela*, ligado à corte da família real e atribuído (o nome *Mbaka*) a *Nasoma* (mulher de Usoma ou Osoma = do Soba ou Rei).

Há quem diga, por exemplo, que o nome foi dado a uma menina (escrava) da corte real, a única que sempre entregou a cadeira ao *Usoma* ou *Osoma* (Soba), quando este queria sentar-se: “*ame Mbengela, simbungeda, utukwanumbi, pokwiya vandjolaisa*” (chamo-me Mbenguela, insultada na minha ausência, mas hipocritamente alegrada no

---

<sup>16</sup> Bonifácio Tchimboto em entrevista, ISP-Jean Piaget – Benguela, 06 de Setembro de 2014)

<sup>17</sup> Id.

meu regresso)<sup>18</sup>. Esta versão, embora difundida em vários documentos, é refutada por *Mbwale*<sup>19</sup> Gabriel Kanivete, que nega ter havido um reino com este nome. O investigador sustenta a sua hipótese segundo a qual “Mbaka” é uma expressão de saudação (na relação intraconjugual marido e mulher), em que entre os *Ovimbundu* usam termos como: *Ongau*, *Ondyotanha*, *L’ohusa*, *Sapele*, *Mbowetu*<sup>20</sup>. Em resposta, e de acordo com o tempo (manhã, tarde ou noite), o homem diz “*Mba*” e a mulher “*ka*”.

A hipótese apresentada por *Mbwale* Gabriel Kanivete, assenta num desconhecimento da história local, e tende, a “deitar por terra” a ideia da existência de um poderoso reino, cuja extensão abrangia a actual cidade de Porto Ambwi que desde o século XVI os europeus haviam chamado de Benguela; mas com o surgimento de Benguela no século XVII, o Porto Amboim passara para Benguela-Velha.

Há, porém, quem avance a hipótese de Benguela ter origem nos primeiros homens que vindos do interior descobriram o mar dessa zona. De regresso ao interior informavam os outros: “*twasiñga ko ovava a mbega*” (encontrámos lá água turva). E, aquando do contacto com os europeus na região, interrogados sobre o nome do lugar, estes em resposta diziam: este local denomina-se “*K’ovava a mbega*”; dada a dificuldade de interpretação deram-lhe o nome de Benguela, aproximando-o ao som e grafia do Português.

Uma outra hipótese para explicação do topónimo Benguela é a seguinte: “um muro de água, o mar, o intransponível à diferença dos rios então conhecidos que podiam ser atravessados a nado ou com canoa. O mar encontrado não permitia a passagem para o outro lado”: “*kulo k’Ombaka*” [...] (aqui é Benguela); Benguela de *otchimbaka* ou *ocimbaka* significa muro-mar além do qual não se pode ir” (cf. Chombela 2013: 91).

---

<sup>18</sup> Tradução literária de Pedro Gabriel Chombela.

<sup>19</sup> *Mbwale* é um termo umbundu usado como título (o mais alto grau atribuído com primazia sobre todos) ou forma de tratamento destinada a pessoas nobres ou ilustres, em geral dada às pessoas consideradas de alta categoria social, nomeadamente em correspondência formal. (N.D.= Nossa Definição).

<sup>20</sup> *Ongau* é um termo em Umbundu que significa pequeno-almoço, adoptado como uma saudação usado no período da manhã. *Ongu* quer significar bom apetite, somos participantes e estamos em condições de...; *Ondyotanha*: Saudação que se usa a partir do meio-dia; *Sapele*: Expressão usada como aquela em português para dizer “de novo, outra vez”; *Ongolovya*: É a saudação que se usa a partir das 18 horas. *Ongolovya* em umbundu significa jantar, algo que se come à noite; *Mbowetu*: *Mbowetu*- singular, *Mbowetwi*-plural (para os homens) e *Kowetu* (singular) e *Kowetwi* (plural) (para as senhoras) – expressão utilizada para saudar visitas de longa data. Se este tempo for demasiado, pode repetir-se duas vezes “*Mbowetu, Mbowetu*”. As senhoras dizem, “*Kowetu, Kowetu*” e a resposta do visitante pode ser “*Ka, Kawe*” se for mulher e, caso se refira ao homem, este diz “*mwe, vaketu, tale, mba, kuku, tchó, tate-kulu*”.

Mas, segundo Gomes (cf. 1999: 29), *otchimbaka* ou *ocimbaka* contêm o prefixo “*oci*” que designa uma coisa grande, um fosso, um cerco, uma muralha, uma trincheira, um muro, uma fronteira, ... etc; no plural temos as unidades “*Imbáka* ou *Ôvimbaka*”. São unidades lexicais com uma estrutura própria do Umbundu que traduzem um conceito que contém uma ou várias metáforas.

É importante salientar que a investigação sobre o elemento toponímico *Mbengela* não ocorreu sem incidentes, pois houve hesitações. Mas para nós, a hipótese mais próxima do topónimo Benguela é aquela que aponta a sua origem a partir de *ombaka*, associado ao rei/reino e/ou à personagem da corte real.

O município de Benguela situa-se na província de Benguela, sendo a sua sede e capital. Ocupa uma área de 2.100 km<sup>2</sup>, limitados a norte pelo município do Lobito, a sul pelo município de Baía-Farta, a leste pelo município de Caimbambo e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Com uma população estimada em 513.441 (quinhentos e treze mil quatrocentos e quarenta e um) habitantes, número retirado dos resultados preliminares do Recenseamento Geral da População e Habitação realizado em 2014<sup>21</sup> em todo país. Benguela está administrativamente dividida em 6 (seis) zonas (comunas): zona A, zona B, zona C, zona D, zona E e zona F, com um total de aproximadamente 58 bairros.

---

<sup>21</sup> Fonte: [www.censo.ine.gov.ao](http://www.censo.ine.gov.ao) acedido a 04/11/2014.

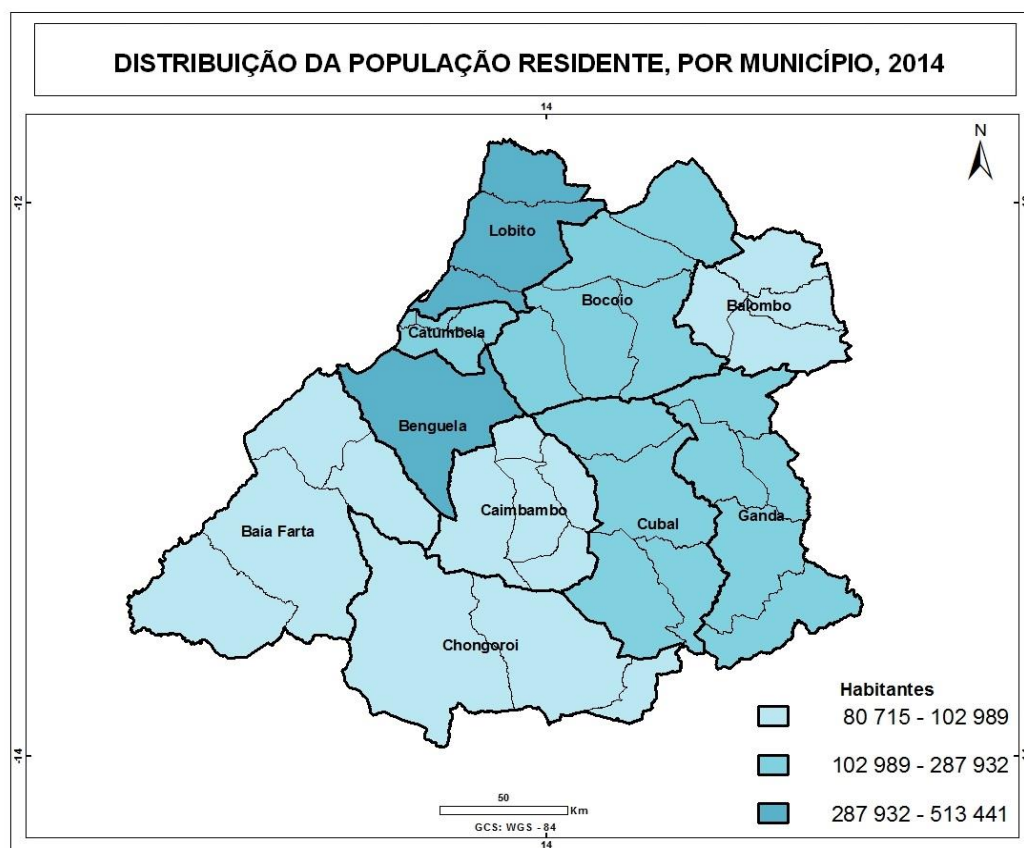


Figura 3 - Mapa de distribuição da população residente, por município; Fonte: [www.censo.ine.gov.ao](http://www.censo.ine.gov.ao) acessado a 04/11/2014

O clima é tropical seco, sendo a estação de chuva mais longa que a do cacimbo. As temperaturas variam entre os 24°C e os 32°C. A vegetação é constituída por ervas rasteiras e maciços de arbustos e espinhosas, como a acácia, que denunciam o grau de secura. A precipitação média anual é de 446,5mm. Por Benguela passa a corrente fria de Benguela que refresca o ar durante a noite.

Atravessado pelo rio Cavaco, de regime seco, com grande importância no desenvolvimento da agricultura na região e servindo também de fonte de abastecimento de água para as populações com dois afluentes, nomeadamente, o rio Curinge e o rio *Huche*. O município tem uma altitude média de 36m, com características planas. Nos arredores existem depressões montanhosas a norte, com os pontos mais altos no monte *Sawa*, localizado a 46km da sede municipal, *Kapilongo* a 87km e *N'hime* a 26km.

Grande parte da população que habita as zonas periurbanas, segundo dados apresentados pela Direcção Provincial da Cultura (cf. Monografia do Município de Benguela, elaborado pela Direcção Provincial da Cultura de Benguela, aos 30 de Abril de 2003, reside há menos de 10 anos. A partir destes dados pode aferir-se que o crescimento

maciço dos bairros se processou muito rapidamente nos últimos anos. Verifica-se também que a ocupação mais frequente é a de negociantes com 34%, seguida da doméstica que ocupa 25%. Um grande fluxo da população do interior da província, fixou-se junto do litoral. Na sua maioria é uma população com características rurais - 80,6% (de acordo com o inquérito sobre saúde ambiental da população da zona periurbana da cidade de Benguela – Agosto de 1997), sendo provenientes do interior da província de Benguela (57,7%) e da província do Huambo (25,4%).

O município sofreu influência da cultura europeia e ocidental, o que caracteriza a sua mestiçagem, sendo visíveis nas artes, pelos seus valores literários, como se pode observar nos nomes seguintes: Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Carlos Gouveia “Goia”, Raúl David e tantos outros que fizeram passar a sua mensagem e levaram Benguela além-fronteiras.

Segundo relatos históricos, na região de Benguela viveram certamente, no período proto-histórico, os Boximanes, os primeiros habitantes de Angola de que também temos notícia. Estes chamavam-se a si mesmos o “povo inofensivo” e, na verdade, parece não terem oferecido resistência às migrações de outros povos que, entre os séculos XIII e XV, os empurram para o Sul e com os quais, em parte, se fundiram.

Um ano depois de Diogo Cão ter desembarcado com as suas caravanas na foz do Rio Kongo, “a 5 de Agosto de 1483, fundou a Baía de Benguela e em razão da data, deu-lhe o nome de Angra de Santa Maria. Ao espaço que vai da Baía de Benguela, designando a costa de Angola desde o Cabo Negro ao Rio Kuanza, os portugueses deram o nome de “Reino de Benguela”, pensando que se tratasse de uma área politicamente unificada, como o Reino do Kongo. Mas na realidade, era governado por um grande número de sobas, cujo topónimo vem do nome de um destes, inicialmente tido como um rei poderoso” (Delgado 1945: 56).

Os primeiros desembarques dos portugueses na cidade de Benguela, ou Baía das Vacas, como inicialmente era chamada, começaram por volta de 1601. Atraídos por uma aparente riqueza pecuária e motivados pelas lendas de riquíssimas minas de prata e cobre da região, os portugueses na pessoa de Manuel Cerveira Pereira fundam em 17 de Maio de 1917 a base de penetração para o interior baptizada com o nome de São Filipe de Benguela.

A conquista do então Reino de Benguela, a fundação da cidade e a sua evolução nos séculos XVII, XVIII e XIX foram os aspectos mais atribulados. Mas o mau clima, as más condições económicas e outras circunstâncias também contribuíram para isso, assim como o ambiente da sua fundação.

Segundo informações extraídas da Monografia do Município de Benguela da Direcção Provincial da Cultura, datada de 30 de Abril de 2003, afirma-se que, “nos fins do séc. XX [...], a colonização iniciada em Benguela, rumo ao interior, para Sul principalmente Leste, começou a surtir efeitos. As Caravanas de intercâmbio Comercial movidas pelas permutas de géneros coloniais com interesses para o exterior com artigos vindos da Europa (tecidos, vinhos e miudezas) começaram a fazer sentir os seus efeitos. Pouco peixe seco que se produzia, e o sal muito contribuíram para isso também, permitindo a permuta com produtos do planalto (cereais, cera, borracha e marfim) ao princípio, rícino, mandioca, gado e sisal”.

Benguela é considerada a cidade com o porto comercial mais importante a seguir a Luanda; era o ponto de partida e de chegada das caravanas de permuta. Por esta razão, os nativos designaram-na de *Mombaka*, símbolo de prosperidade comercial e a meca dos negociantes.

À luz deste novo contexto, foram surgindo povoações, vilas, cidades, intermediárias e centros de produção de géneros do interior. O destino era Benguela. E é daqui que saíram a maior parte dos colonos que em direcção ao leste iam fundando cidades. Começa a ser divulgado e conhecido o mito de “Benguela cidade Mãe de Cidades”: nasceu Catengue, Ganda, Cubal, Tchindjenji, Ucuma, Longonjo, Lepi e Caála<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Para uma cidade como Benguela, com 394 anos de existência, o que dissemos até então é ínfimo, pelo simples facto de não ser a história de Benguela a preocupação da nossa análise, mas que, por ser a zona de estudo a incursão se impôs e se julga necessária.



### 3. METODOLOGIA E ANÁLISE TAXIONÓMICA DOS TOPÓNIMOS

Assim, numa perspectiva científica, o tipo de investigação que se usará no decurso deste trabalho será de carácter descritivo. A investigação que, segundo Sampieri *et. al.* (2013: 107), “procura especificar as propriedades, as características ou grau de associação que existe entre dois ou mais conceitos, categorias ou variáveis em um contexto específico. É útil para mostrar com precisão os ângulos ou dimensão de um fenómeno, acontecimento, comunidade ou situação”.

Certamente, para uma abordagem como esta, não faltarão métodos como os que apresentamos nos parágrafos seguintes.

A recolha dos dados: constitui a execução do instrumento de observação. Como fonte de dados, foram utilizados o mapa da cidade de Benguela, além de informações e documentos acerca da história do município, que foram obtidos do Governo Provincial de Benguela, da Administração Municipal de Benguela, da Direcção Provincial da Cultura, da Direcção Provincial dos Registos Eleitorais, do Instituto Superior Politécnico Jean Piaget e do Seminário Maior de Benguela.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005: 183) “Este método apresenta uma visão geral a respeito da formação e significado dos nomes de lugares do município de Benguela e um olhar histórico-linguístico sobre a realidade toponímica da região”.

Uma outra via utilizada na recolha de dados foi a entrevista. O método de entrevista é abordado pelos autores Selltiz *et al.* (1980 *apud* Sampieri (2013: 93). De acordo com Quivy e Campenhoudt (1995: 192), as entrevistas “permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. (...), as entrevistas caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele”.

As entrevistas podem ser de dois tipos: entrevistas individuais como as que efectuámos aos técnicos da Secção de Estudos e Projectos Territoriais, da Secção de Cadastro e Cartografia, no Instituto Superior Politécnico Jean Piaget (com o Director-Geral Bonifácio Tchimboto); na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (28 – Lobito) com Pe. Adriano Ukuatchali, a qual consistiu em auscultar individualmente os nossos informantes); as entrevistas colectivas, também conhecidas como *focus group*/grupo de

foco, aplicadas à nossa investigação. Neste segundo caso, utilizamos cerca de 13 entrevistas orais realizadas na sala de reuniões da Administração municipal de Benguela com os “*L’usoma ou Osoma*” Seculos de bairros e líderes comunitários.

Usando de forma combinada com o método de entrevista, o método de grupo focal ou grupo de foco, de acordo com Martins (2001: 38-53) “é um método de pesquisa com origem na técnica de entrevista em grupo. O termo grupo refere-se às questões relacionadas ao número de participantes, às sessões semi-estruturadas, à existência de um *setting* informal e à presença de um moderador que coordena e lidera as actividades e os participantes. O termo focal é designado pela proposta de colectar informações sobre um tópico específico”.

Este método mostrou ser eficaz para recolha de dados, permitindo obter informações dos nossos entrevistados, proporcionando riqueza e variedade de dados pela troca de experiências sobre a toponímia de Benguela e os problemas da língua Umbundu. Através de um contacto directo com os nossos interlocutores, pudemos obter o significado, bem como a forma gráfica correta de 46 topónimos.

Como uma espécie de combinatória metodológica, considerámos importante juntar aos métodos, já mencionados, um inquérito por questionário, que consistiu na distribuição aleatória de boletins de inquérito (cf. modelo no Anexo nº 1) aos técnicos da Secção de Estudos e Projectos e Projectos Territoriais, da Secção de Cadastro e Cartografia da Administração Municipal de Benguela, do Instituto Nacional do Ordenamento do Território (INOTU) e aos estudantes do ISCED-Benguela (uma representação da população), com uma série de perguntas que apresentamos nas tabelas seguintes.

**Tabela 1:** Já ouviu falar sobre toponímia?

<b>N.º</b>	<b>Opções</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>1</b>	Sim	15	25%
<b>2</b>	Não	19	32%
<b>3</b>	Um pouco	26	43%
<b>Total</b>		60	100%

Este indicador revela que 25% dos nossos inquiridos dizem ter ouvido falar da toponímia, 32% dizem desconhecer e 43% consideram ter dúvidas. Isto demonstra que existe um conhecimento geral, mas que existem dificuldades nas particularidades do assunto, principalmente quanto à compreensão do conceito e do termo toponímia, mas também em relação aos nomes de lugares, cuja história remonta ao período colonial. Recordamos que muitos dos nossos inquiridos nasceram depois de terminados os 500 anos do colonialismo, pelo que o seu conhecimento sobre os topónimos é muito elementar.

**Tabela 2:** Tem domínio do significado do nome do lugar onde vive e porque é que estas pessoas mereceram tal honra?

<b>N.º</b>	<b>Opções</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>1</b>	Sim	5	8%
<b>2</b>	Não	37	62%
<b>3</b>	Um pouco	18	30%
<b>Total</b>		60	100%

A percentagem confirma também as previsões, porquanto trata-se de uma questão com certa pertinência no corpo da nossa investigação. O presente quadro remete para a reflexão sobre a urgência da divulgação dos nomes de lugares (seus autores e seus efeitos), e para a necessidade da divulgação da toponímia como uma disciplina científica, que pode contribuir para a identidade nacional, passando necessariamente, por uma educação em relação aos aspectos de pertença (lugar), localização e de identificação.

**Tabela 3:** Na sua opinião, quais são as causas que não lhe permitem aumentar o nível de conhecimento dos nomes de lugares

Pode marcar mais do que um:

Nº	Opções	Frequência	Percentagem
1	A falta de interesse	13	22%
2	A ausência de placas toponímicas	21	35%
3	A exiguidade de matérias e bibliografia sobre os nomes de lugares	26	43%
4	Total	60	100%

As previsões quanto ao material bibliográfico encontram resposta nos dados obtidos. De resto, de certa maneira, reafirma-se que a exiguidade destes materiais tem constituído um dos factores limitativos no conhecimento dos nomes de lugares e do processo educativo, em geral.

Identificar estas causas de modo a permitir aumentar os níveis de conhecimento dos nomes de lugares contribui para o desenvolvimento da identidade pessoal; leva o indivíduo a procurar as suas raízes que o ligam a um processo integrador: Quem sou? De onde venho?

Intimamente relacionado com o problema de identidade pessoal e nacional está a questão do papel da História, na construção dos valores, e na preparação para o exercício consciente da cidadania, a que chamamos educação cívica, promoção do desenvolvimento moral e da educação para a democracia.

No entanto, é inegável que o estudo científico (histórico-linguístico) e sistemático forma pessoas e contribui para a construção de valores.

**Tabela 4:** Gostaria que o tema da harmonização da grafia toponímica de Benguela fosse de uma maneira mais exaustiva discutido em palestras, seminários, sobretudo na sala de aula?

N.º	Opções	Frequência	Percentagem
1	Sim	40	67%
2	Não	4	7%
3	Um pouco	16	27%
<b>Total</b>		60	100%

É gratificante ler nos nossos inquiridos, numa percentagem de 67%, a vontade da discussão do tema em palestras, seminários, e sobretudo na sala de aula.

Por último, utilizou-se o método de análise de conteúdo, que “é seguramente o que mais se utiliza em paralelo com os métodos de observação. A sua complementaridade permite, com efeito, efectuar um trabalho de investigação aprofundado, que, quando conduzido com lucidez e as preocupações necessárias, apresenta um grau de validade satisfatório” (Quivy e Campenhoudt 2005: 200).

Este método favoreceu-nos a análise de conteúdos sobre a onomástica e possibilitou a elaboração o do presente trabalho, a definição e validação dos topónimos que serão apresentados de seguida e a sua proposta de harmonização.

### **3.1. ANÁLISE DA GRAFIA TOPONÍMICA DE BENGUELA**

A toponímia constitui um elemento de comunicação e identificação cuja escrita, como código de comunicação, representa uma condição *sine qua non* na afixação e descrição dos topónimos.

A ortografia “designa asimismo la disciplina lingüística de carácter aplicado que se ocupa de describir y explicar cuáles son los elementos constitutivos de la escritura de una lengua y las convenciones normativas de su uso en cada caso, así como los principios y criterios que guían tanto la fijación de las reglas como sus modificaciones. La ortografía posee una dimensión eminentemente sincrónica, pues se centra en las descripción del sistema de convenciones ortográficas vigentes, pero puede adoptar también, como toda disciplina, una orientación diacrónica, cuando se ocupa de analizar cómo han ido evolucionando históricamente esas convenciones”. (Cf. Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española (2010), Ortografía de la lengua española, Madrid: Espasa.pp.8-9).

Como um conjunto de normas, a ortografia está intimamente ligada à paleografia, caligrafia e tipografia. À luz da escrita, a onomástica benguelense, como nos referimos anteriormente, apresenta duas tipologias gráficas (Português e Umbundu). Quanto a esta

última, naturalmente nesta zona de Benguela, existem três correntes e três tipos de escrita, embora haja quem avance para uma quarta corrente, como veremos mais adiante.

Temos a escrita que foi herdada dos missionários católicos e evangélicos (protestantes), os quais, a partir das Missões do *Ndoni* e do Seminário do Cristo Rei no Huambo, foram produzindo gramáticas e dicionários, convergindo em 23 grafemas nos seus alfabetos, mas com grandes diferenças: a corrente evangélica bebendo das fontes alemãs e a católica bebendo da fonte latina. Na primeira corrente (evangélica), não há os seguintes dígrafos: “*Tch*” e “*Ñg*”. Enquanto a fonte católica escreve “*Otcipala tcha Ñgala*”, os evangélicos escreveriam “*Ocipala ca Ñala*” (“O rosto do Senhor”). Outros exemplos de notável referência são: “*Otchili*” e “*Ocili*”, “*Tchimboto*” e *Chimboto*, etc.

Segundo Bonifácio Tchimboto, “Não há Estado angolano que tivesse feito no tempo colonial obras em português ou em Umbundu por sua iniciativa sem cruzamento com os missionários. Não há, não me ocorre. Pode ser que haja, naturalmente, mas nunca vi e nunca ouvi falar”<sup>23</sup>.

Surgiu por último, uma terceira corrente a do Instituto de Línguas Nacionais de Angola, que elaborou uma proposta, bastante boa em termos pedagógicos, pelo facto, de simplificar a complexidade que há na grafia de pendor católico.

Então, estes são os três pilares básicos que temos das línguas nacionais ou simplesmente, da língua Umbundu. Há uma quarta opção, que o Pe. Bonifácio Tchimboto em entrevista considerou caótica, por não se compreender a sua orientação e pelo facto de não articular estas três vertentes (católica, evangélica e instituto de línguas).

Considere-se o exemplo do topónimo “*Kasseque*”. Para esta última corrente, encontramos inúmeras grafias: “*kasseque*”, “*kaseke*”, “*cassequé*”, “*caseke*”. Podemos-nos interrogar porquê?

A opção tomada neste trabalho, baseia-se essencialmente na proposta elaborada pelo Instituto de Línguas de Angola. Não porque fez simplificar a complexidade existente nas escritas (católica e evangélica), mas porque, independentemente do que se diga, é a única instituição (indicada por resolução - n.º 3/87 de 23 de Maio de 1987, publicada no *Diário da República*, I Série – n.º 41) que está vocaciona para o tratamento das línguas angolanas de origem africana.

---

<sup>23</sup> Bonifácio Tchimboto em entrevista, ISP-Jean Piaget, Benguela, 06 de Setembro de 2014.

### **3.2. CORPUS E ANÁLISE DOS TOPÓNIMOS DE BENGUELA**

Foram seleccionados para este estudo 6 (seis) zonas (comunas): zona A, zona B, zona C, zona D, zona E, e zona F. Num total de 58 bairros, aproximadamente, a partir de registos fotográficos, “entrevista” e leituras de algumas documentos e histórias, foi possível encontrar 100 topónimos para análise (de entre os quais nomes de Bairros, Avenidas, Ruas, Praças, Travessas, Povoações, Parque Natural e Centro de Encontro (*Ondjango*) grafados em Português e Umbundu.

Os topónimos que iremos caracterizar pertencem a região de Benguela, particularmente, os do município sede de Benguela. Numa segunda fase, realizaremos uma descrição das denominações.

Os topónimos recolhidos constituem o *corpus* de análise. *Corpus* é, segundo Pavel e Nolet (cf. 2002:119), um conjunto de dados ou de textos seleccionados que servem de base para realizar uma análise e descrição linguísticas.

### **3.3. CLASSIFICAÇÃO TAXIONÓMICA DOS TOPÓNIMOS**

Desde os tempos remotos, o Homem procurou estabelecer uma relação com o meio que o circunda e desta relação nasceu a necessidade de nomear e organizar o espaço do ambiente físico-social do qual fazia parte.

No âmbito da organização da informação, no sentido de fornecer aos lugares informações sólidas, podemos observar o contributo de Dick (1990), que reformulou o primeiro modelo de classificação toponímica de 1975, apresentando 27 (vinte e sete) novas taxionomias, ao contrário das 19 anunciadas em 1975. Nesta nova etapa, Dick dá a conhecer uma nova classificação, subdividida em dois grandes grupos: as taxionomias de natureza física e as taxionomias de natureza antro-po-cultural, onde, segundo fazem perceber Silva e Oliveira (2012: 5), Dick “organiza os topónimos de acordo com a classificação e etimologia”, tal como podemos observar no quadro que se segue.

**Quadro 01: Classificação Taxionómica de Natureza Física:**

	<b>CATEGORIA</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
<b>01</b>	Astropónimos	Topónimos relativos aos corpos celestes em geral.
<b>02</b>	Cardinotopónimos	Topónimos relativos às posições geográficas em geral.
<b>03</b>	Cromotopónimos	Topónimos relativos à escala cromática.
<b>04</b>	Dimensiotopónimos	Topónimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos: extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade.
<b>05</b>	Fitotopónimos	Topónimos relativos aos vegetais.
<b>06</b>	Geomorfotopónimos	Topónimos relativos às formas topográficas.
<b>07</b>	Hidrotopónimos	Topónimos relativos a acidentes hidrográficos em geral: água, rio, córrego, ribeirão, braço e foz.
<b>08</b>	Litotopónimos	Topónimos relativos aos minerais e constituição do solo, representados por indivíduos – barro, barreiro e ouro – conjuntos da mesma espécie ou de espécies diferentes.
<b>09</b>	Meteorotopónimos	Topónimos relativos a fenómenos atmosféricos: vento, neve, chuva, trovão.
<b>10</b>	Morfotopónimos	Topónimos relativos às formas geométricas.
<b>11</b>	Zootopónimos	Topónimos referentes aos animais, sendo representados pelos animais domésticos, não domésticos e de mesma espécie.

Fonte: Cf. Silva e Oliveira (2012: 5-6).



**Quadro 02: Classificação taxionómica de Natureza antro-po-cultural**

	<b>CATEGORIA</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
<b>01</b>	Animotopónimos ou Nootopónimos	Topónimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, englobando todos os produtos, referentes aos frutos do psíquico humano. Nesta taxa há a ausência da cultura física: vitória, triunfo, saudade, belo, feio.
<b>02</b>	Antrotopónimos	Topónimos relativos aos nomes próprios individuais: prenome, hipocorístico, prenome mais alcunha, apelidos de famílias e prenome mais apelidos de famílias.
<b>03</b>	Axiotopónimos	Topónimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais: presidente, duque, doutor, coronel, etc.
<b>04</b>	Corotopónimos	Topónimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
<b>05</b>	Cronotopónimos	Topónimos relativos aos indicadores cronológicos, sendo representados pelos adjectivos: novo, nova, velho e velha.
<b>06</b>	Ecotopónimos	Topónimos relativos às habitações em geral.
<b>07</b>	Ergotopónimos	Topónimos relativos aos elementos da cultura material: flecha, jangada e relógio. Podemos incluir também os produtos manufacturados: farinha, pinga, vinho, óleo e azeite.
<b>08</b>	Etnotopónimos	Topónimos relativos aos elementos étnicos, individuais ou não: povos, tribos, castas.
<b>09</b>	Dirrematopónimos	Topónimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos

<b>10</b>	Hierotopónimos	<p>Topónimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças religiosas e aos locais de culto: igreja, capela, santuário. Os hierotopónimos dividem-se em duas categorias: hagiotopónimos e mitotopónimos.</p> <p>a) – Hagiotopónimos: esse hierotopónimo está ligado aos santos e santas da igreja católica romana.</p> <p>b) - Mitotopónimo: hierotopónimo relativo às entidades mitológicas.</p>
<b>11</b>	Historiotopónimos	Topónimos relativos aos movimentos histórico-culturais e seus respectivos membros, do mesmo modo as datas correspondentes.
<b>12</b>	Hodotopónimos ou Odotopónimos	Topónimos relacionados com as vias de comunicação rural ou urbana.
<b>13</b>	Numerotopónimos	Topónimos relativos aos adjectivos numerais.
<b>14</b>	Poliotopónimos	Topónimos constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, cidade, povoado e arraial.
<b>15</b>	Sociotopónimos	Topónimos relativos às actividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade (largo, praça, pátio).
<b>16</b>	Somatotopónimos	Topónimos relativos as relações metafóricas, à parte do corpo humano ou animal.

Fonte: Cf. Silva e Oliveira (2012: 6)

Paralelamente a esta classificação taxionómica proposta por Dick, é importante também destacar as contribuições de José Leite de Vasconcelos que, dentro desta linha (de classificação taxionómica dos topónimos) apresenta um modelo que se assemelha aos paradigmas de classificação das escolas francesas, sobretudo no tocante à reconstituição

e busca do significado dos nomes próprios, ao estudo da origem do nome, classificados por linguais, ao estudo das transformações fonéticas e formação gramatical do topónimo e à divisão de categorias dos nomes de acordo com as causas que lhe deram origem.

É importante sublinhar também a pesquisa de Dauzat que, examinando a etnologia e a reconstituição histórica dos topónimos, em 1922, efectuou uma classificação pormenorizada da formação dos nomes dos lugares em França. Neste trabalho apoiaram-se muitas outras investigações que o consideram como informação indispensável para qualquer outro trabalho investigativo que envolva uma componente classificatória da taxionomia dos topónimos, quer seja numa abordagem de carácter sincrónico ou diacrónica.

Tendo em conta a metodologia proposta na elaboração deste trabalho (histórico-linguístico) e, não obstante a perspectiva sincrónica apresentada por Dick, cuja informações remetem para conteúdos linguísticos que nos possibilitam perceber a intenção do sujeito denominador na altura da nomeação dos topónimos e, querendo fazer um recuo no tempo (devido aos historiotopónimos), consideramos singularizar a perspectiva diacrónica no exame toponímico da zona de Benguela. Por esta razão, e para efeitos de sistematização, os topónimos desta região foram organizados por categorias como apresentamos no ponto seguinte.

### 3.4. TOPÓNIMOS ORGANIZADOS POR CATEGORIA

#### a) - Topónimos provindos da fauna e da flora

Taxionomia	Topónimo
<b>Fitotopónimos</b>	<i>Calomanga; Kawangu; Mbimbas</i> <i>Massangarala ; Vingolote/Ohongolote;</i>
<b>Zootopónimos</b>	<i>Chimalavele; Kambandjela; Kalohombo;</i> <i>Talamandjamba; Tchiosi/Quiochi</i>

**b) – Topónimos provindos de nomes próprios e nomes de Santos**

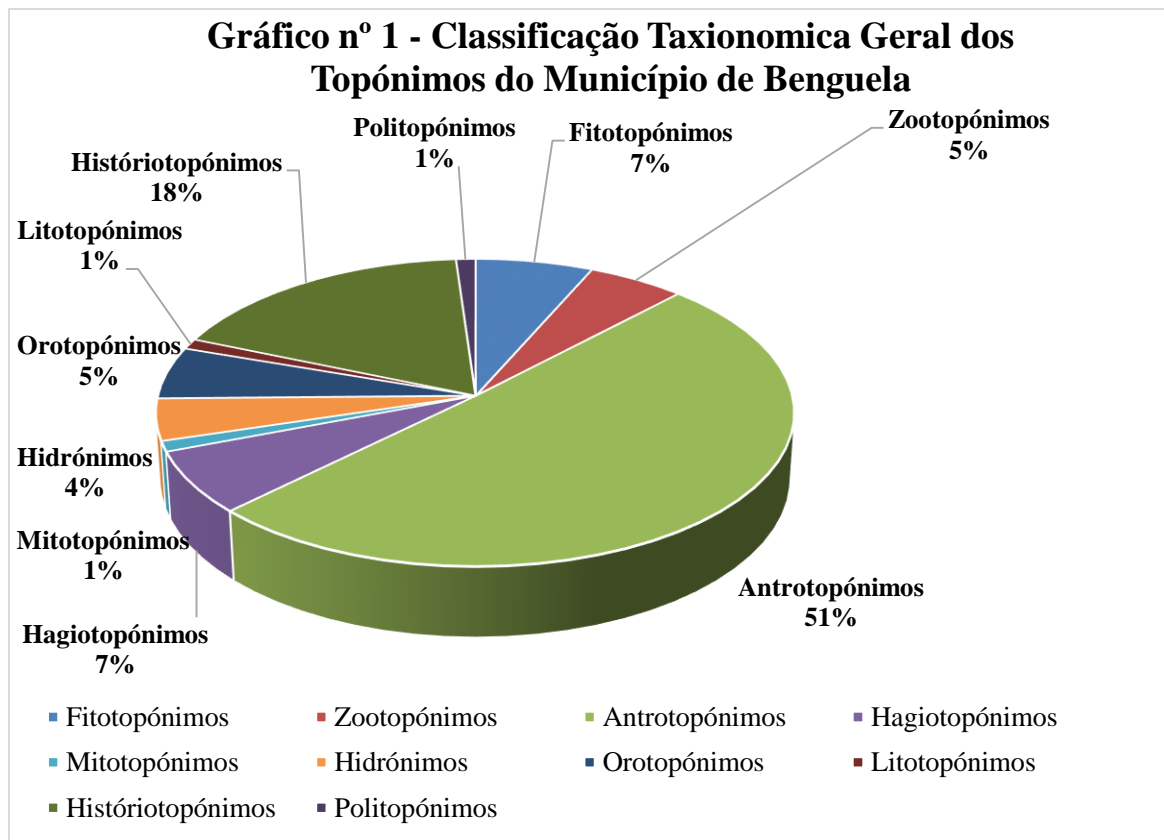
<b>Taxionomia</b>	<b>Topónimo</b>
<b>Antropotopónimia</b>	<p>Afonso de Albuquerque; Alexandre Herculano; Alda Lara; Álvaro de Almeida; António Enes; António Luís Gomes; Augusto Bastos; Azevedo Gomes; Alexandre Herculano; Angola; Bartolomeu Dias; Basílio Teles; Bernardino Correia; Cândido dos Reis; Capelo e Ivens; Celestino Madeira; Diogo Cão; Domingos Do Ó; Eça de Queirós; Fernão de Magalhães; Gago Coutinho; Gil e Enes; Gil Vicente; Guerra Junqueiro; João Belo; João de Deus; José Estevão; José Falcão; Kapilongo; <i>Kamdumbu</i>; Luís de Camões; Machado dos Santos; Manuel Cerveira Pereira; Barreto; Marechal Gomes da Costa; Miguel Bombarda; Ndambi Maria; Paulo Dias de Novais; Pedro Nolasco Ferreira de Andrade; Pedro Nunes; Sacadura Cabral; Salvador Correia; Serpa Pinto; Teófilo Braga; Vasco da Gama; Xavier Barreto;</p>
<b>Hierotopónimos</b>	<p>a) - Baía de Stº António  N<sup>ossa</sup> Senhora da Graça  N<sup>ossa</sup> Senhora da Nazaré  N<sup>ossa</sup> Senhora dos Navegantes  N<sup>ossa</sup> Senhora de Fátima- Sé  São João do Cassoco</p> <p>b)- Kalunga (Praça e Cine Kalunga)</p>

c)- Topónimos provindo de Natureza diversa (Rios, Montes/Montanhas, Bairros e Parque Natural)

Taxionomia	Topónimo
<b>Geomorfotopónimo</b>	<p>a)- Hidrotopónimos: Rio Cavaco; Rio Curinge; Rio <i>Kuporolo</i>; Rio Huche.</p> <p>b)- Orotopónimos: Monte: Sawa; N’hime ; Kapilongo. Bairro: <i>Taka</i>; <i>Utomba.Kahota/Kahotinha</i>; <i>Kalomburaco</i>.</p> <p>c)- Litotopónimos : Casseque/Kaseke</p>
<b>Historiotopónimos</b>	<p>Bairro da <i>Equínima</i> ; <i>Ndokota</i></p> <p><i>Kaponte</i>; <i>Kalilongue</i>; <i>Kotel Tchipiandalu</i>; Seta.</p> <p>Ruas: 31 de Janeiro; 28 de Maio; 5 de Outubro;15 de Março, Comandantes da Grande Guerra; Heróis de Angola, Liberdade; Praça da Republica, Largo da Peça.</p>
<b>Sociotopónimos</b>	- <i>Ondjango</i> ; Marinheiro; Mercado
<b>Poliotopónimos</b>	Aldeia do Ukendy
<b>Axiotopónimos</b>	Comendador Norton de Matos; Coronel Lopes Mateus; Capitação Silva Carvalho; Dr. Amílcar Barca M. da Cruz; Dr. António José de Almeida; Dr. Carlos Tavares; Dr. Fausto Frazão; Dr. Francisco Simões do Amaral; Dr. João Ornela; Dr. José do Amaral; Dr. Oliveira Salazar; General Alves Roçadas; General Faria Leal; General Massano de Amorim; General Pereira d’Eça; Governador Eduardo Costa;

	Governador Moutinho; Governador Paiva Couceira; Governador Silva Carvalho; Infante D. Henrique; Monsenhor Keiling; Professor Doutor Egas Moniz.
<b>Corotopónimo</b>	Ruas: Açores; Brasil; Cabo Verde; Cidade de Lisboa; Cidade de Lobito; Cidade de Luanda; Cidade de Malanje; Cidade de Moçâmedes, Cidade Nova Lisboa; Cidade do Porto; Cidade de Sá da Bandeira; Estado da Índia; Guiné; Ilha da Madeira; Moçambique; S. Tomé e Príncipe; Timor Leste.
<b>Hodotopónimos/Odotopónimos</b>	Kaponte; Aeroporto
<b>Ergotopónimos</b>	Seta

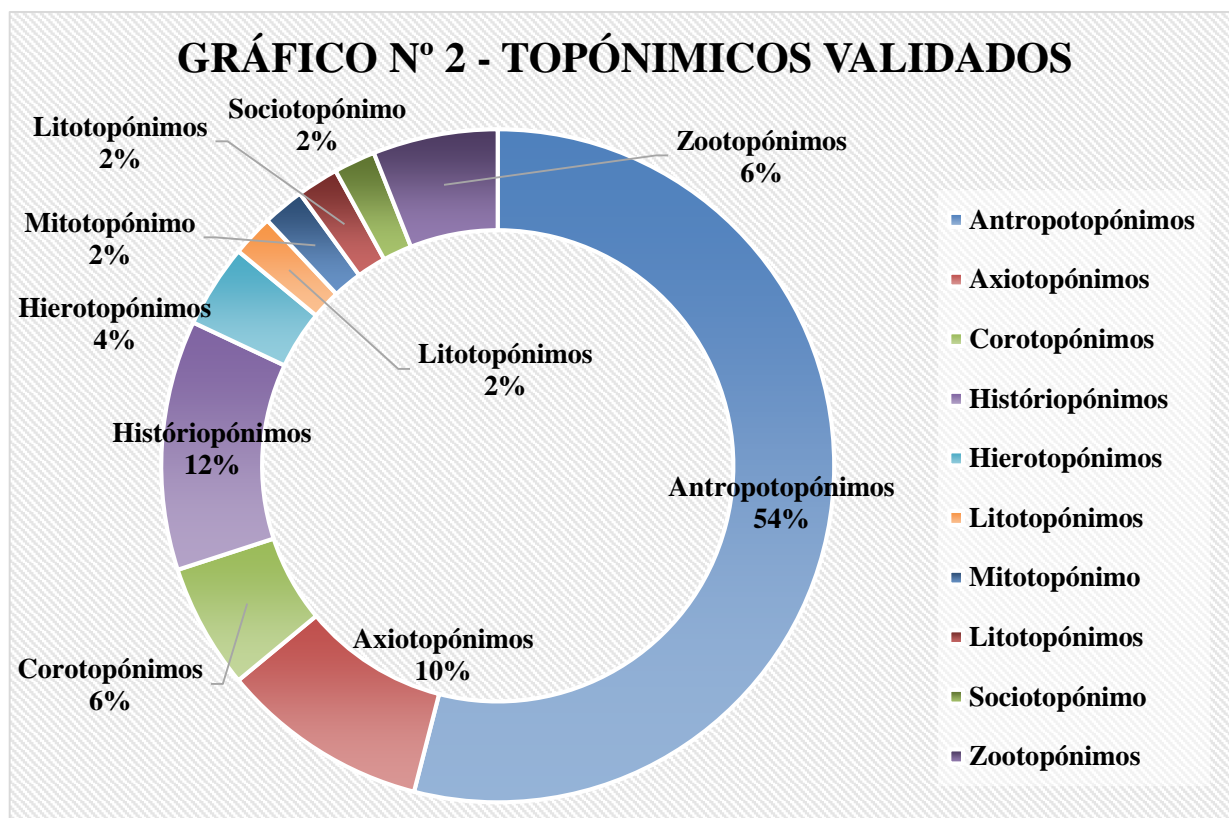
Enquanto os quadros acima oferecem uma visão geral da taxionomia toponímica de Benguela, o gráfico nº 1 a seguir, permite uma visualização geral, em termos quantitativos, da classificação taxionómica dos topónimos da região de Benguela.



Pode verificar-se a partir do quadro acima a predominância de antropónimos (masculinos) com maior percentagem, permitindo perceber que os nomes referem-se a personalidades locais e estrangeiras que tiveram notoriedade na sua carreira e que posteriormente legaram essa notoriedade à região.

Há alguns axiotopónimos e hagiopónimo, assinalando a presença do poder colonial e do cristianismo dentro da onomástica da zona de Benguela. Também verificamos a presença de historiotopónimos e de uma vasta classe de topónimos (zootopónimo, hidrónimo, orotopónimo, litotopónimo, politopónimo, odotopónimo e ergotopónimo).

Após a colecta e a apresentação dos topónimos, numa escala de **136** topónimos recolhidos, e de acordo com os nossos propósitos de apresentação de uma proposta, depois de um processo de selecção foi possível trabalharmos com **50** topónimos, sendo **38** em Português **11** em Umbundu e **1** apotruguesado, a sua distribuição corresponde ao gráfico 2:



Neste modelo designado taxionómico, verifica-se neste gráfico nº2 a ocorrência de topónimos, seus números e classificação taxinómica com maior incidência nos antropónimos, confirmando a hipótese segundo a qual, a história da toponímia do município de Benguela é composta na sua maioria de topónimos, cuja origem remonta aos antropónimos europeus ou portugueses.

Seguem-se os topónimos não validados ( por razões de registos “legais” da denominação ou de uma fixação clara) que apresentamos no quadro nº 1.

**Quadro nº1 – Topónimos não validados:**

**Topónimos não Validados:**

Aeroporto; António Enes; António Luís Gomes; Augusto Bastos; Bartolomeu Dias; Basílio Teles; Bernardino Correia; Brasil; Capelo e Ivens; Cassequel; Celestino Madeira; Cidade de Malanje; Cidade de Moçâmedes; Cidade de nova Lisboa; Cidade do Porto; Cidade de Lobito; Cidade de Luanda; Cidade Sá da Bandeira; *Chiosi*; Curinge; Cavaco; Combatentes da Grande Guerra; Coronel Lopes Mateus; Domingos do Ó; Dr. Amílcar barca M. da Cruz; Dr. Carlos Tavares; Dr. Fausto Frazão; Dr. Francisco Simões do Amaral; Dr. João Ornelas; Dr. José do Amaral; Estado da Índia; Fernão de Magalhães; Flores; General Faria Leal; Gil e Enes; Governador Moutinho; Governador Paiva Couceira; Guerra Junqueiro; *Huche*; Heróis de Angola; Ilha da Madeira; Indústria; Infante D. Henrique; Jardim; José Estevão; Kapilongo; *Kahota/Kahotinha*; *Kalomburaco*; *Kaponte*; *Kalilongue*; *Kotel*; *Kalomanga*; *Kawangu*; *Kambandjela*; *Kuporolo*; *Liberdade*; Macau; *Mbimba*; Moçambique; *Massangarala*; Mercado; Marinheiro; Manuel Cerveira Pereira; Marinheiros; Mercado; Ministro Viera Machado; N’hime ; Senhora da Nazaré ; N<sup>ossa</sup> Senhora dos Navegantes ; N<sup>ossa</sup> Senhora de Fátima- Sé; *Ohongolote*; Sawa; *Taka*; *Tchipiandalu* Paulo Dias de Novais; Pedro Nolasco Ferreira de Andrade; Pedro Nunes; Presidente Carmona; Praça da Republica, Largo da Peça; Quintino Rogado; 15 de Março; República; *Sawa*; S. Tomé e Príncipe; Salvador Correia; Serpa Pinto; Timor; 31 de Janeiro; Vasco da Gama; Eurico Nogueira; *Utomba Tchipiandalu*; Ukendy.



### 3.5.PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE TOPÓNIMOS

No estudo dos topónimos apresentados podemos identificar, segundo a natureza da classe gramatical dos elementos, três formações constituídas pelas seguintes estruturas: S+S (Substantivo + Substantivo); S+A (Substantivo + Adjectivo); N+S(Númeral + Substantivo).

O Quadro nº2 permite observar as estruturas morfológicas da formação de topónimos por composição mais recorrentes.

#### Quadro nº2 - Topónimos formados pelo processo de composição

Tipo de formação	Exemplos
<b>Substantivo + Substantivo</b>	Alda Lara; Azevedo Gomes; Bernardino Correia; Cândido dos Reis; Teófilo Braga; Xavier Barreto; Sacadura Cabral; João de Deus; Gago Coutinho; Diogo Cão.
<b>Substantivo + Adjectivo</b>	João Belo
<b>Númeral + Substantivo</b>	5 de Outubro

Outros tipos de combinações aparecem na onomástica de Benguela em número reduzido, como é o caso, por exemplo, dos topónimos formados por V+S (Verbo + Substantivo): *Talamandjamba* (*Talamisa/Talama + Ndajamba*).

## Quadro nº2 - Topónimos formados com prefixos da língua Umbundu

<b>Tipo de nomes</b>	<b>Prefixos</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Diminutivo<sup>24</sup></b>	<i>Oko; ka</i>	<i>Kaponte, kalomanga, k'kasoko/kasoko, k'kaseke/kaseke, okotele; k'kahombo.</i>
<b>Aumentativo</b>	<i>Oci; Ovi</i>	<i>Ocimbanka; Ovingolote;</i>

O Quadro nº 2 demonstra a existência de topónimos derivados, com uma maior incidência de prefixos, muito em especial os prefixos *oko/ka* que formam na língua Umbundu o diminutivo.

Destacam-se também topónimos derivados de prefixos com valor de aumentativo, em especial os formados por “*oci*” e “*ovi*”, como é o caso de *Ocimbanka (Mbanka)*, *Ovingolote (Cigolote)*.

---

<sup>24</sup> Apesar do diminutivo na língua Umbundu ser formado de acordo com FERNANDES e NTONDO, (2002:74), “pelos prefixos: *omu -; u, o; ekamba e; ocivenji – oci; akelenge – ake; okulya – oku...* O radical ou prefixo “*ka*” forma por si só, um prefixo diminutivo embora em muito caso com condão pejorativo.

### 3.6. PROPOSTA DE HARMONIZAÇÃO DA GRAFIA DOS TOPÓNIMOS EM UMBUNDU

Para a proposta de harmonização, trabalharemos apenas os topónimos em Umbundu visto serem os que apresentam mais problemas de grafia. Assim, passamos à descrição:

- Bairro do *Cassoco/Kassoco* ou São João Baptista do Cassoco: Cassoco é um termo Umbundu (*Kasoko* que foi *aportuguesado* para Cassoco); a sua raiz deriva de “*Soko*”, com origem no verbo “*Olusoko*”, que significa falar mal ou nas costas e com origem também no verbo “*Okusokola*” que significa perder dente.

*Kasoko* é um topónimo, diríamos em português, composto por prefixação (*Ka* + *Soko*) onde o “*Ka*”<sup>25</sup>, tem o valor de prefixo e “*Soko*” o de substantivo masculino. Designa bairro ou zona. Mas também pode ser complemento circunstancial de lugar.

Para uma proposta de grafia, uma vez que o topónimo tem a sua origem na língua Umbundu, deve escrever-se “*Kasoko*” e não Cassoco. Por razões muito simples:

1º Em Umbundu, o grafema /C/tem o valor de [tʃ] e o /K/, não, como nas palavras integradas na Língua Portuguesa: Ca, Co, Cu. (cf. Supra).

2º O grafema S-s não necessita de ser duplicado para substituir o C, como podemos ver no elemento toponímico “*Cassoco*” ou “*Kassoco*”.

Daí, propor-se a seguinte grafia: “*Kasoko*”.

- O topónimo *Kalosombekua* deriva do verbo *Okusembika* que significa plantar.

---

<sup>25</sup> O prefixo “Ka” na língua umbundu é muitas vezes empregue para indicar o grau diminutivo e é, muitas vezes empregue como termo pejorativo e conflituante. Sobretudo, quando a questão é a análise de grupos étnicos ou tribais. Por exemplo, Os *Muhanha* insultam-se furiosamente quanto tratados por elementos de uma outra tribo/grupo étnico de “*Kamunhanha*”.

*Kalosombekua* é, o nome do primeiro habitante do bairro, cuja população é, na sua maioria, oriunda de Quilengues<sup>26</sup> e *Kaconda* e está maioritariamente ao serviço da companhia Açucareira Primeiro de Maio de Benguela. *Kalosombecua* ou simplesmente *Sombekwa*, fixou residência nesta zona, onde povos vindos do interior decidiram denominá-la deste modo, em sua honra.<sup>27</sup>

Segundo a fonologia do Umbundu, a proposta de harmonização da grafia é a seguinte: *Kalosombekua* e não *Kalossombecua* ou *Calossombecua*.

- Bairro do *Kaseke*: *Kaseke* corresponde ao substantivo feminino em português (areia) de *Eseke*, em Umbundu.

A zona onde agora é o bairro do *Kaseke* corresponde a uma área semidesértica, onde abunda areia, por se encontrar próxima da zona costeira. Com o êxodo rural que assolou Benguela fruto dos conflitos armados, foram surgindo casas de pau-a-pique, dado que as características do solo não permitiam a construção de casas de adobe.

Além de *Kaseke*, existe *Kaseke* Marítimo e *Kaseke* Macau.

O primeiro (*Kasseque* Marítimo) surge em virtude das trocas comerciais, pois, havia na região um Senhor Branco proveniente da região do Quilengues que fixou a sua residência à beira-mar. Este comerciante de Quilengues construiu uma loja e, por ser o único nessa altura, segundo dados recolhidos num encontro com as autoridades tradicionais do município de Benguela, era um ponto de referência.

Por exemplo, quando se perguntava a alguém sobre o seu paradeiro, a resposta segundo Pedro Katchipoke, era imediatamente “estava na loja do *Ka-Chilenge* (*Ka-Chilengue*) ” em detrimento da caracterização do proprietário, que era proveniente de

---

<sup>26</sup> De acordo com a regra da grafia Umbundu apresentada, o topónimo Quilengues deveria ser grafado da seguinte maneira: *Kilenge*.

<sup>27</sup> Pedro Katchipoke, regedor municipal de Benguela em encontro com as autoridades tradicionais do município de Benguela, realizado no dia 14 de Agosto de 2014, no salão nobre da administração de Benguela.

Quilengues. Depois do seu desaparecimento físico, a comunidade atribuiu ao bairro o nome *Kachilengue ou Ko-Kachilegue*”<sup>28</sup>.

Com o passar do tempo, e sobretudo com o desenvolvimento industrial, foram surgindo em Angola e, em Benguela, grandes companhias fabris e, em particular, no bairro do *Kachilengue*, uma fábrica de conservas (atum). Provavelmente em 1975, com a conquista da independência e com o regresso dos agentes colonizadores às suas terras, o topónimo *Kachilengue* foi desaparecendo, dando lugar ao hidrónimo *Kaseke Marítimo*, fruto dos pescadores que habitavam a zona.

Por outro lado, *Kaseke Macau* ao contrário de *Kaseke* e *Kaseke marítimo*, *Kaseke Macau* é o nome atribuído a uma bebida de fabrico artesanal.

A zona do *Kaseke* está dividida em três partes: *Kaseke*, *Kaseke marítimo* e *Kaseke Macau*; *Kaseke Macau* destaca-se das de mais, pela fixação na zona dos primeiros Brancos (Giro Pinto, *Kalondungu* e Hilario Nicolau) e pela construção de novas residências que serviam de hospedagem para outros brancos. Estes senhores eram comerciantes e de entre vários produtos vendiam pano denominado pelos nativos por “Maquela” e “Macau” (pela sua fragilidade e pouca durabilidade). Com a migração para o litoral dos Quilengues e por causa da sua profissão de fabrico de bebidas alcoólicas, os moradores designaram o bairro pelo nome de *Kaseke Macau*.

Assim, na sequência do acima exposto e segundo a regra fonológica do Umbundu, a proposta de grafia para este topónimo é *Kaseke* e não *Kasseque* ou *Casseque*.

- Mina ou *Equímina* é o nome atribuído à antiga zona de ‘*Enganji*’<sup>29</sup>, actualmente bairro com o mesmo nome. Mina, em Umbundu *ochima chyovivela* pode ser usado para referir-se não só a um manancial de riquezas, como também a uma cavidade artificial na terra “ *evukuko*”. Como historiotopeónimo, é um adjectivo *Kunjuka*, *likolongola*, *vukuka* ou *vuyuka* que se refere a um objecto escavado para baixo. Também podemos procurar a sua origem no verbo transitivo directo *kolongola*, *kulula* ou *kunjula*

---

<sup>28</sup>Pedro Katchipoke, regedor municipal de Benguela em encontro com as autoridades tradicionais do município de Benguela, realizado no dia 14 de Agosto de 2014 no salão nobre da administração de Benguela. [Entrevista em Língua Nacional Umbundu].

<sup>29</sup> *Enganji* é um termo umbundu, atribuído a um pequeno galho de árvore que uma vez cortado e chegado ao chão ganha o nome de *Enganji*.

(escavar), que está ligada à ideia de prejudicar clandestinamente alguém, *nholisa uyombeki*.

O historiotopónimo *Equímina* surge, em virtude do conflito armado que dilacerou a região de Benguela nos longínquos anos de 1992 a 2002. Segundo se conta a zona constituía um ponto estratégico, dada a sua posição geográfica e, por isso, serviu de ‘terra fértil’ para colocação de minas.

Com o cessar-fogo e o êxodo rural, o bairro foi crescendo e grafado pelo nome do contexto que lhe deu origem.

Para fazer corresponder o som à grafia do topónimo, uma vez que a unidade lexical Mina vem do francês “mine”, e é fixado em português como um estrangeirismo, a nossa proposta é que se escreva Mina e não *Equimina* ou *Quimina*. Uma outra proposta é que, se escreva ‘*Enganji*’ tal como foi denominado antes do conflito armado.

- Bairro de *Kalohombo*: *Calohombo* ou *Kalohombo* vem de *ombo* que significa cabrito em Português. O topónimo *calohombo* surge de um comerciante (José) que morava no bairro e que tinha um curral de cabritos e comercializava a várias pessoas algumas das quais revendiam na capital do país.

Assim, como foi acontecendo um pouco por todo lado, e como se diz em Umbundu “*O chisevo chialinga omunu*” (nome atribuído por brincadeira torna-se o nome de pessoa), *Kalohombo* foi assim, o nome atribuído ao comerciante, cuja actividade deu o nome ao bairro. Na eventualidade de alguém vindo do bairro e porventura deparar-se com alguém que o questiona de onde sai/ estava a sair, *wandele pi?* (aonde ias?), a resposta seria: *ko kalohombo ou nditundilila ko kalohombo* estou a sair no *Kalohombo*.

O topónimo *Kalohombo*, de *ka + hombo*, cujo prefixo (*ka*) forma um diminutivo, foi a nosso entender mal grafado no registo legal. Julgamos, pois, segundo o historiador Pedro Largo “o comerciante em causa, era detentor de grande número de cabras e um vasto curral. Por isso, não é correcto chamar a zona de *kalohombo*, pois, seria diminuir e até denegrir o bom nome do senhor e menosprezar a sua actividade”<sup>30</sup>. Simplesmente, porque o topónimo *kalohombo* quer designar em português, cabrito pequeno.

---

<sup>30</sup> Pedro Largo em Entrevista, sobre os nomes dos bairros do município de Benguela, realizada no dia 11 de Agosto de 2014 – Colégio Adventista do 7º dia - Lobito

Face a esta constatação, a proposta de grafia para o zootopónimo *kalohombo* é *hombo*. E o bairro poder-se-á chamar *ohombo* ou bairro de *ohombo*.

- Bairro/Povoação de *Talamandjamba*<sup>31</sup>: o topónimo *talamandjamba* vem do verbo em Umbundu “*talamisa*” ou “*talama*”, dois verbos sinónimos que querem dizer “impedir o movimento” ou “parar num certo lugar”.

Na povoação de *Talamandjamba*, antes da edificação de moradias, a zona servia de passagem ou caminho de elefantes (em Umbundu *O´ndajamba*) que vinham da actual região de *Kamukuyo* e outros das zonas montanhosas com pequena inclinação e água; está localizada nas proximidades da estrada nacional que liga a província de Benguela com as províncias do Lubango e Huambo.

Neste local, os elefantes não só paravam para beber água, mas também pernoitavam. Com o crescimento populacional e o surgimento dos primeiros habitantes, a zona ficou conhecida com o nome *etalamo yolo ndajmba*, aportuguesadamente *Talamajamba*. (N.T.= Nossa Tradução).

Por isso, para este zootopónimo, a nossa proposta de grafia é a seguinte: *Talamandjamba* ou *etalamo yo o´ndajamba*.

- Bairro do *Ndonkota*<sup>32</sup>: “*Ndokota* ou *Dokota* é o nome atribuído ao bairro pelos primeiros habitantes. O topónimo provém do adjectivo umbundu *tokota* que

---

<sup>31</sup> *Etalama ndjamba lyeya ndotcho: Kotembo oyo yokonhima, yakala ondjila yolondamba. Olondjamba vitunda kuna kókamukuyo komunda yovambo vipita ondjila,vyenda kaliye ecthi yu akuti pacho opo pakalala okandamba kamwe(kolwi) pakalale ovava. Echi vya patcho opo, opo vitalama, vipekela, vilala mwēle vitundapo kiteketeke. Kuendje noke okupanga etapalo eli vyokaliye ehanda ndeti toke koluvango likawo lyenda kowambu akulu vakala paco opo ndoto, opo vasangale olondajamba noke hati petalama ndajamba , opo patalamele olondajamba. kaputo okwya walukako onduko hete “talama ndajamba”* (Fonte Oral: Pedro Katchipoque, et., al., regedor municipal de Benguela em encontro com as autoridades tradicionais do município de Benguela, realizado no dia 14 de Agosto de 2014 no salão nobre da administração de Benguela).

<sup>32</sup> *Ndokota-Dokota: Otembo yacho, ombaka yeya vesue yondombe-vandombe echi vatunda vondombe veyá okulalela apa vatukula v´eti opo potchipupa. Okutunda pochipupa opo veyá okukala apa vatukula heti opo posandu andonho. Okutunda posandu Andonho ovo apa otho veyá pamwe pala okambo yombalão. Okutunda pokambo yatcho veyá okukala apa vatukula pokalombo yatcho veyá okukala apa vatukula heti opo pokampo ya ñgala Frágoso. Noke okutumda pa chopoapa otcho vangilã vimbo lyondokota. Ondokota yiya mekonda yo ndokota. Mwakala v´atchilenge, vakala ali vólongombe. Kwendje upange wavo wakala okukela ohela/ocisangua kumosi lélingenhe. Ohela oyo yavelelepo. cina pokumnhua ati ame ndandele oko ndakasiñgile chapya cindji/ chitokota ale ohela citokota. Omo mweya onduko eyi yimbo ndakuti ondokota. (Fonte Oral: Pedro Katchipoque, et., al., regedor municipal de Benguela em encontro com as autoridades*

significa quente, usado para referir um produto (líquido) muito quente. As primeiras pessoas a habitar a zona, hoje, *Tokota* são provenientes de Quilengues (Lubango) que povoaram a região, dedicando-se à pastorícia como principal actividade.

Com o passar do tempo, começaram a fabricar *quimbombo/chimbombo* (bebida alcoólica de fabrico caseiro). Segundo relatos, as pessoas que frequentavam a zona e consumiam a bebida, quando lhes perguntavam onde estavam ou de onde vinham por exemplo, diziam: *tukasi lokutunda oko ku tokota/ndokota* (“Estamos a sair ou vir de *Ndonkota*”) *chapyá, chatokota chingui*. (está pronto, está quente...! Referindo-se a bebida). *Tokota, Ndokota, ou "Dokota"*.

Quanto à proposta de grafia e, partindo da etimologia do nome do topónimo, deve escreva-se “*Tokota*” ou seja bairro do “*Tokota*”.

No entanto, ouvindo alguns moradores, estes não escrevem, nem pronunciam “*Tokota* ou *Dokota*” mas sim, “*Ndokota*”.

Por esta razão, resultante de comportamentos e hábitos linguístico, pode escrever-se também “*Ndokota*” e não *Dokota*, porque em Umbundu a consoante D é sempre precedida de N, assim como nos referimos nas páginas anteriores.

- Zootopónimo *Tchimalavera* ou *Chimalavera*: o nome *Tchimalavera* ou *Chimalavera* terá tido origem em duas palavras em língua nacional “*Chimãla* (*acabar* + *Okuvela* (*doença*))” que, em tradução livre significa “onde acaba a doença”. De facto, originalmente, a elevação, onde actualmente se encontra a parte mais visitada do parque era referida como uma região saudável e de convalescença. A explicação está no facto de as populações locais ocuparem e utilizarem como área de exploração agrícola as zonas mais baixas, situadas a Sul do parque, junto ao rio Coporolo, onde abundavam os mosquitos transmissores da malária. Por esta razão era relativamente frequente as populações adoecerem.

Em compensação, nas zonas altas do parque, sente-se quase permanentemente uma brisa, por vezes forte, soprando do mar para a terra, a qual, aliada à altitude, não permitia a existência do mosquito transmissor da malária, como pode verificar-se ainda hoje. Assim, os habitantes locais usavam esta zona alta como lugar de convalescença,

---

tradicionais do município de Benguela, realizado no dia 14 de Agosto de 2014 no salão nobre da administração de Benguela).



evitando desta forma as recaídas perigosas da doença. Não sabemos se alguma vez existiu uma ocupação permanente, nestas zonas altas, pois embora na altura aí também abundasse a caça, colocava-se o problema da disponibilidade da água, pois não se conhece a existência, nesse pequeno planalto, de rios, lagoas ou nascentes de curso permanente.

A nossa proposta de grafia para este zootopónimo e de acordo com as regras da língua Bantu (Umbundu) é *Chimãlavela* e não *Tchimalavela* ou *Chimalavera*.

- O mitotopónimo *Kalunga* é uma unidade lexical que se encontra ligada a vários grupos etnolinguísticos angolanos, do norte da Namíbia, fronteira de Angola (nordeste) como o Congo (Zaire) e em grupo junto ao lago Kivu e lago Tanganica. *Kalunga* significa etimologicamente “aquele que por excelência, reúne”. Em diversas línguas Bantu, significa também, o mar, o oceano, o infinito: *Kalunga walonga nda Kalunga* - o mar é tão profundo/longo como a morte; *okwenda k’okalunga* - o rei do mundo subterrâneo ou o que atrai a chuva.

*Kalunga* encerra um significado real de grandeza, imensidão, infinito.

*Kalunga* pode ser ou é usado como saudação a uma grande individualidade (Rei, Presidente, Governador, Administrador, *Sekulu*, *Osoma* etc.): *Kalunga a Sekulo yowe!*; *kalunga a chime cholondugue ale sekulo ya Matatalaleka, upopeli suke chamala nganga*.

*Kalunga* pode ser atribuído a uma pessoa geradora de vida: *Kalunga a ndjali okola..., ove watchita Osoma*.

*Kalunga* é uma mãe sagrada, é ela quem deu à luz o Rei do Universo. Pode também significar morte, ou seja, o silêncio da morte ou sono da morte como fenómeno incompreensível aos olhos humanos devido a esse ente querido que repousa e caminha para a transcendência ou para o mundo invisível: *wanda k’oly’ etu*. A expressão pode designar alguém que foi ao outro lado da vida, aquele foi conviver com os mais velhos, foi para a nossa morada ou aquele que foi para o lugar onde um dia chegaremos.

*Kalunga* traduz também a ideia de “mar” “(*tchalungwa*); é algo intransponível, abismal, medonho, aquilo perante o qual todos se espantam<sup>33</sup>. *Kalunga* tem sentido de *alunga* (coisas separadas). Então, a morte (*Kalunga*) é um acontecimento que separa duas

---

<sup>33</sup> “*Kalunga walonga nda kalunga!*” “(a morte é tão funda como o mar!); “*Kalussimba ukulu l’okulya olosandji, kaluna ukulu l’okulya omanu*” (*kalusimba*, um animal regional da família da raposa, envelheceu na prática de comer galinhas, “*Kalunga*”, a morte, na de comer pessoas.

realidades: o mundo visível e o invisível. O termo é também um teónimo: “*Kalunga* é “Deus”, *walungwa*, é admirado, porque é incomensurável” Mulago (1973:94).

Segundo as regras da grafia da língua Umbundu, o topónimo ou Mitopónimo deve ser escrito *Kalunga* e não “Calunga”. Pois, e como foi referido acima, o grafema *K* tem sempre o valor de [tʃ] e o *K*/de [c] de casa, caça, em Português.

- Ondjango: “*Ondjango*” remete para casa de conversa, casa de reunião, de hospedaria, de partilha de bens “refeições”, de educação “iniciação”, mas é antes de mais “casa”. É a casa onde se tratam e se discutem questões mais importantes “*Olohango*” (*ondjo+olohango*), local onde se tratam problemas, onde se faz “*Ulonga*” ou “*Olondunge*”, «ensino das coisas e palavras importantes, transmissão do juízo» Ngula (2003:288).

O Sociotopónimo *Ondjango*: *Ondajango* “é um recinto coberto de capim, construído com troncos grandes (*Avambala*), que se apresenta disposto em forma de “U” para servir de assento, sendo geralmente utilizados outros troncos que servem de lenha, capazes de conservar o fogo durante toda a noite, uma vez que na comunidade Umbundu não é usual pedir-se fogo aos vizinhos” Guebe (2003:35).

Construído no centro da aldeia, o *ondjango* é um lugar muito importante, não só de união local, mas também da própria sociedade global. Este lugar (*Ondjango*) é, “... o club dos homens que habitam a aldeia, o tribunal, a sala de visitas, de jogos (onde se divertem, conversam, contam histórias, etc.), de conferências, de reuniões dos notáveis, a sala de refeições para os homens e para rapazes com idade superior a 8/9anos. Consiste ainda numa espécie de escola e de uma sala onde fumam o cachimbo-de-água e onde guardam as relíquias ancestrais, o *Ondjango* e, na altura da mudança de uma aldeia, um dos primeiros edifícios a ser construídos” Lima (1992:24).

No *Ondjango*, à noite depois do jantar, aflui toda a juventude, sobretudo os filhos e netos, para aprenderem com os mais velhos, lições de conduta social adequada. Pois entre os Ovimbundu tem-se a concepção de que a cultura deve ser transmitida de geração em geração. Nestes momentos, os velhos falam, os jovens escutam e os homens maduros consultam-nos. Só eles acumularam a sabedoria. Sendo, por isso, sempre o mais velho, o especializado em qualquer ramo da cultura. Esta sabedoria é expressa sobretudo através de provérbios, contos, canções, bem como lições didáticas, reflectindo como se deve agir no âmbito da tradição (como nos tempos de Homero na Grécia Antiga).

### 3.7. FICHAS LEXICOGRÁFICO - TOPONÍMICAS

Os dados colectados foram registados em fichas lexicográfico-toponímicas, cujo modelo podemos observar adiante.

Com o intuito de facilitar a compreensão e de acordo com os objectivos a que nos propomos, foi necessário a apresentação de dois modelos de ficha:

- 1- em Português, onde registámos os topónimos em Português;
- 2- em Umbundu, onde registámos os topónimos em Umbundu.

No entanto, existe uma terceira ficha, onde apresentamos o topónimo do Umbundu, que sofreu um processo de aportuguesamento.

Procurámos também estabelecer uma adequação conceptual entre os vários campos das fichas:

- Província: O nome da Província;
- Língua: A língua (por exemplo: Português ou Umbundu);
- Topónimo: O nome do lugar;
- Variante Gráfica: As distintas grafias apresentam como se escrevem os nomes dos lugares;
- Proposta de Grafia: A forma correcta de acordo com a origem e as regras das línguas dos nomes dos lugares.
- Definição: Explicação clara e breve do nome do lugar.
- Nota: Breve comentário para apresentar uma explicação.

Diferente das entradas que comportam a ficha lexicográfico-toponímica em Umbundu, uma outra ficha em Português comportará: o nome da província/município, língua, topónimo, definição, taxionomia e fonte.

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Umbundu)**

<b>PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO</b>	<b>LÍNGUA</b>	<b>TOPÓNIMO</b>	<b>VARIANTE GRÁFICA</b>	<b>PROPOSTA DE GRAFIA</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>GENTÍLICO</b>	<b>NOTA</b>

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Umbundu)**

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	VARIANTE GRÁFICA	PROPOSTA DE GRAFIA	DEFINIÇÃO	GENTÍLICO	NOTA
Benguela	Umbundu	Kasoko	Cassoco/Kassoco ou São João Baptista do Cassoco	Kasoko	<i>Kasoko</i> é um termo umbundu ( <i>Kasoko</i> e que foi aportuguesado para Casssoco) e, podemos derivar sua raiz de “Soko” que vem de “Olusoko” que quer dizer falar mal ou às costas do verbo “Okusokola” que significa perder dente. Kasoko , diríamos em português, composta por aglutinação (Ka + Soko) aonde o “Ka”, tem o valor de prefixo e “Soko” o de substantivo masculino. Por corresponder a Bairro/zona. Mais também, pode ser, Complemento Circunstancia de Lugar.		
Benguela	Umbundu	Kalosombekua	Calossombecua	Kalosombekua	<i>"Kalosombekua"</i> deriva do verbo “ <i>Okusembika</i> ” que significa plantar. “ <i>kalosombekua</i> ” é segundo informações, nome do primeiro habitante do bairro com o mesmo nome, cuja população é na sua maioria, oriunda de Quilengue e Kaconda ao serviço da companhia Açucareira Primeiro de Maio de Benguela, Kalosombecua ou Sombekwa simplesmente, fixe residência nesta zona onde povos vindo do interior baptizaram-na em honra ao primeiro habitante.		

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Português)**

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	5 de Outubro	Em honra da implementação da Republica Portuguesa	Começa na Av. Manuel Cerveira Pereira e termina na Rua Dr. António José de Almeida.	Históriotopónimo (Avenida)	Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/p.
Benguela	Português	Açores	Denominação em honra ao arquipélago dos Açores em Portugal.	Começa na Av. Fausto Frazão e termina na rua Cidade de Luanda.	Corotopónimo (Rua)	Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/p.
Benguela	Português	Afonso de Albuquerque (1453-1515)	O mais ilustre dos homens de guerra portugueses do século XVI. Sucedeu como governador ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida no governo da Índia em 1509. Fez com que o nome Portugal fosse respeitado e terminado no Oriente.	Começa na Rua Azevedo Gomes e termina na Rua 5 de Outubro	Antropónimo (Rua)	Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/p.
Benguela	Português	Alexandre Herculano	Notável historiador, poeta e romancista	Começa na Rua 31 de Janeiro e termina na Rua Sacadura Cabral	Antropónimo (Rua)	Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/p.

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Topónimo aportuguesado)**

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	VARIANTE GRÁFICA	PROPOSTA DE GRAFIA	DEFINIÇÃO	GENTÍLICO	NOTA
Benguela	Português	Benguela	Mbaka	Benguela	O termo “Benguela” segundo o historiador e investigador Armindo Jaime Gomes “é de origem Umbundu, de <i>Venga</i> ou <i>mbenga</i> , do verbo <i>okuvenga</i> ou <i>okuvengela</i> que em português significa ‘tuvés ou ser turva’ (com respeito à água do rio ou lagoa)”, <i>pode significar também</i> “escuro ou opaco” (em relação à floresta fechada). <i>Relativamente ao verbo “okuvengela” quer dizer</i> “sujar, turvar ou sujar-lhe”, ainda “ <i>okuvengela</i> ” que pode ser “turvar-me ou sujar-me; sempre em relação à água do rio ou da lagoa.” o topónimo Mbegela deriva do rei fundador de um possível ‘reino de Benguela’ que existiu até à véspera dos primeiro contactos. Desta realidade se costuma justificar a génese do antropónimo Mbemgela, ligado à corte da família real e atribuído (o nome Mbaka) a Nasoma (mulher de Usoma ou Osoma = do Soba ou Rei).	Benguelense	“Benguela” é uma corruptela de Mbanka ou Mbenguela e, de acordo com a regra da língua umbundu podemos notar que O B-b nesta língua, não existe como consoante simples, sendo sempre antecedido de m e formando o grupo [mb]. Assim, seria correto apresentar uma proposta de Mbanka ou Mbenguela em vez de Benguela, verdade que isso parece não é possível. Daí temos de admitir que haja dois nomes. Por exemplo “Mbanka ou Mbenguela”, no entanto, “Mbenguela” em umbundu e “Benguela” em português. Vamos admitir que “Benguela” é um nome que foi aportuguesado.

#### 4. CONCLUSÃO

O propósito desta investigação foi efectuar um estudo de carácter histórico-linguístico com o objectivo último da “Harmonização da grafia toponímica do município de Benguela”.

Para tal, começou-se por fazer uma revisão do estado da arte dos fundamentos em teorias de Lexicologia e Lexicografia, Terminologia e Toponímia.

A Lexicologia serviu-nos para analisar o léxico que reflecte o modo de vida das comunidades do município de Benguela e os aspectos culturais dos subgrupos que compõem a grande parte dos Umbundu. Ajudou ainda a analisar a identificação étnico-linguístico dos povos que habitam o município.

Num segundo momento, passámos a examinar a caracterização sociolinguística, através de uma incursão histórica de modo a compreender a migração dos Bantu, desde o Sul dos Camarões ao rio Juba, na Somália, até a sua ramificação em Benguela, onde se observa a existência de um contacto linguístico (entre o Português e o Umbundu), sobretudo entre os que têm o Português como língua materna (LM) e os que o aprendem como língua segunda ou estrangeira (L2).

A análise do *corpus* revelou a inexistência de uma lei que regule a atribuição de nomes aos lugares e a ausência de critérios na atribuição de nomes, segundo a filosofia Bantu/Umbundu.

Entre os Umbundu é normal a ideia de atribuição de nomes aos lugares pelos mais velhos (*Olosekulo, os O L'soma*). A História e a Filosofia Bantu-Umbundu atribuem a estes (mais velhos) a responsabilidade de nomeação e denominação da *onepa* yofeka, *osongo ou imbo* (área de uma jurisdição; terra; aldeia ou bairro), de acordo com os acontecimentos, circunstâncias ou ainda pelo luxo-moral e bom testemunho que uma pessoa mais velha (*Benabavyoko/Chime cholondungue*) legou à comunidade enquanto peregrino na Terra. Os nomes de lugares atribuídos aos que jazem no além-túmulo, mais do que uma forma de homenagem pelos seus feitos é um respeito pela sua posição hierárquica e pela sua função de ligação entre eles, os membros da comunidade (ainda vivos) e o “*Kalunga/Suku*” (Deus).

Os *Olosekulos* e os *L'usoma* devem ser os mais privilegiados e as suas almas as mais honradas pois, segundo um sentimento africano-bantu e umbundu, o Homem não



deve ou não pode aproximar-se de Deus sozinho, mas deve fazê-lo pela mediação de pessoas (*Olosekulo/L'usoma*/antepassados). Assim, quase podemos comparar este sentimento com a passagem bíblica de Jo. 14, 6b: “Ninguém vai ao Pai senão por Mim”.

Há uma ruptura nesta filosofia. Primeiro porque não é frequente consultar os *Olosekulo* e os *O L'soma* quando a questão é a atribuição dos nomes; no entanto, tem-se recorrido a eles quando os significados dos nomes já existentes estão perdidos. Em segundo lugar, não se têm respeitado os comportamentos linguísticos e, por estas razões, julga-se não haver dúvidas das seguintes consequências:

- A contínua e crescente vontade de renomear os topónimos portugueses por topónimos da língua Umbundu: este processo pode ser designado de “umbundização” de alguns topónimos de origem portuguesa.

- O desconhecimento e a dispersão dos topónimos por parte dos moradores deve ser visto como um perigo, pois, tal facto, resultante ou não de ignorância por parte dos munícipes, pode de certo modo eliminar a História e os aspectos essenciais para a compreensão dos topónimos.

O processo histórico que conduziu à onomástica do município de Benguela estabeleceu uma relação entre o sujeito denominador e o espaço sobretudo na véspera da ocupação de terras no período colonial. Constituiu uma experiência que exterminou e ou substituiu os nomes locais de origem Umbundu pelos estrangeiros (europeus/portugueses). Esta imagem aparentemente desvalorizadora das terras esteve ligada ao projecto de ocupação de terras, de extracção de minerais, pedras preciosas, ao comércio de escravos e à instalação de um sistema administrativo colonial. Este facto não deve servir de protesto para a substituição dos nomes de lugares pelo Português, pois se fossem aceites, estar-se-ia não só a negar a verdade histórica, como também a eliminar os aspectos essenciais para a compreensão dos topónimos como elementos constituintes do conhecimento humano.

Os nomes de lugares, independentemente das línguas que lhes deram origem, permitem reconstituir a História de uma população e do seu espaço, por meio de estruturas sintático-semânticas que podem ser interpretados como elementos construtores da

identidade, além de serem meios de orientação, informação, delimitação e organização do espaço geográfico.

Por essa razão, procuramos através do presente estudo resgatar a História de alguns nomes de lugares por meio de entrevistas e diálogos com os *O'Losoma, sekulos* e líderes comunitários. O conjunto dessa informação permitiu analisar a relação entre o denominador e o espaço, além de saber que a onomástica de Benguela é composta de antropónimos masculinos europeus/português e caracterizada, sobretudo, pela influência política e pela economia colonial e nacional.

Foi possível identificar nos topónimos recolhidos, os nomes de personalidades públicas (antropónimos europeus e angolanos), cujos nomes foram transformados em topónimos, muitos deles pela influência de valores morais e da ideologia dos moradores; detectámos também topónimos de referência histórica, principalmente os relacionados com os movimentos sociais e políticos. Encontrámos também alguns topónimos ligados às profissões, aos minerais, às cidades e países e às entidades mitológicas com fundamento profético, etc.

Concluindo, este trabalho constitui uma primeira etapa de reconhecimento da onomástica de Benguela.

Assim, julgamos ser da máxima importância dar continuidade a esta investigação, de modo a aplicar esta experiência inicial aos outros municípios que compõem a província. Pretendemos realizar outros levantamentos, pois estes serão necessários para a identificação de novas motivações.

Deste modo, torna-se fundamental estender o estudo das designações dos rios, riachos, montanhas, lagos e lagoas, ou seja, um estudo completo de todo o perfil toponímico de Benguela.

## 5. BIBLIOGRAFIA

### 5.1. BIBLIOGRAFIA GERAL:

ALTUNA, Raúl de Asúa (2006) *Cultura Tradicional Bantu*, Paulinas, Águeda, 2ª edição.

ANDRADE, dos Santos, e DICK, do Amaral, (2012) “A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicadas ao ensino” in ISQUERDO, Aparecida Negri e SEABRA, Cândida (org.) *Ciências do léxico* V. VI. Campo Grande: VFM.

COSTA, Camacha (2013) *Empréstimos das Linguais Bantu no português falado em Angola (Um Estudo Lexicológico da variante Angolana)*, 1ª Ed. Gráfico. Ld.

CORREIA, Margarita e LEMOS, Lúcia (2009) *Inovação lexical em português*, edições Colibri e Associação de Professores de Português. 2ª Ed.

CHINBIMDA, José Simeão Ferreira (2009) *O nome na identidade umbundu, contributo antropológico*, Ed.ETU – Estudos da Tradição Umbundu, Huambo

CARVALHINHOS, P. (2008) “Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial”. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1992). *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2ª Ed. São Paulo: FFLCH/USP

\_\_\_\_\_, (1996) ”Atlas toponímico: Um estudo de caso”. in *Acta Semiótica e Linguística*. SBPL. São Paulo: Plêiade, V.6.

DELGADO, Raph (1945) *O Reino de Benguela: do descobrimento à criação do governo subalterno*. Lisboa: Imp. Beleza.

ESTERMANN, Carlos (1966) *Características da literatura Oral dos Bantos do Sudoeste de Angola*, in Portugal em África. Vol.23, nº133/134 (Jan/Fev.1996).

FERNANDES, João, NTONDO, Zavoni (2002), *Angola: Povos e Línguas*. Editorial Nzila, Colecção Ensaia/Língua e Cultura, Luanda.

FILGUEIRAS, Zuleide Ferreira (2011) *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: Passado e presente*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

GARNELO, F.B. (2001) *La toponímia de la zona arqueológica de las Médulas (León)*. Leon: Universidad de León

GUISTI, Francesca e SOMMELLA (2007) *Vencezo. Storia dell’Africa. Um continente fra Antropologia, narrazione e memoria*, Donzelli, Roma.

GUEBE, António (2003) *O que eu aprendi no Otchoto*, ed. Kilombe, Luanda – Angola.

ISQUERDO, Aparecida Negri e Oliveira, A.P. (2001) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, 3ª ed. Campo Grande, Editora da UFMS. V.01

\_\_\_\_\_, (2009) “O Caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras”, in RIBEIRO, Silvana Soares Costa, et.all, (org). *Dos Sons às Palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: Edufba.

\_\_\_\_\_, (1997), “A toponímia como signo de representação de uma realidade”. in *Fronteiras- Revista de História (UFMS)*. Campo Grande: Editora UFMS, V.1, nº2, Jul/Dez.

RENDINHA, José in “Ngola”, inserido no Boletim da Camara Municipal de Luanda, nº23, Abril -Junho, 1969.

LUKAMBA, André (2014) *A evangelização como “encontro vivo” na cultura umbundu de Angola - Perspectivas Eclesiológicas* – Secretariado Nacional de Liturgia, Huambo.

LAKATOS, Eva e MARCON, Maria (1991) *Metodologia Científica*, 2ª Edição, São Paulo. Editora Atlas, S.A.

LINO, Maria (1984) *Análise Léxico-Semântica*. In *Letras Soltas 2*, Edição Secção de Linguística, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

LIMA, Mesquitela (1992) *Os Kyaka de Angola*. 3º Volume. Edições Távola Redonda, Lisboa.

MALOMBO, Moisés, (2005), *Os ovimbundu de Angola, Tradição económica e Cultural Organizativa*, Roma.

MARTINS, Armando (1948), *Correntes Actuais do Pensamento Colonial*. Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, Lisboa.

MOTA, A. Teixeira (1950) *Topónimos de Origens portuguesa na Costa Ocidental de África desde o Cabo Bojador ao Cabo de Santa Catarina*, contribuição do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa para o «*colloquium*» *Internacional de Estudos Luso – Brasileiros*, Bissau.

NABIAS, António (2009), *2ª Jornadas de toponímia do sul*. Design Gráfica, Lisboa.

NGULA, Amadeu (2003) *A escolarização em África, das Grandes Ilusões à Pedagogia do Projecto*. Edizzini Viver. Roma.

PAVEL, Silva e NOLET, Diane (2004) *Manual de Terminologia*, Trad. Enilde Faulstich, Disponível em [www.fit-ift.org/download/presport](http://www.fit-ift.org/download/presport). Pdf. Data do acesso: Janeiro de 2014. (Translation Bureau.gc.ca:www.translationbureau.gc.ca) RIBEIRO, G.C.B. tradução técnica, terminologia e linguística de corpus: a ferramenta wordsmith tools. Cadernos de tradução. Florianópolis, V.2, nº12.

PEREIRA, Rodrigues Renato (2009) *A toponímia de Goiás: Em busca da descrição de nomes de lugares de municípios do Sul de Goiás*. Em dissertação de Mestrado Em Estudos de Linguagens, Área de concentração Linguística e Semiótica. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc, (2005) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 4ª Edição, Gradiva editora, Lisboa.

SAMPIERI, Hernández Roberto, *et. al.*, (2013), *Metodologia de pesquisa*, 5ª edição, Penso. Editora, S Paulo.

FERREIRA, Carlos, (2013), *Sendien-Tierra de Miranda, Geografia e Toponímia*, Lisboa

SILVA, Maria e OLIVEIRA, Maria (2012), “O Bibliotecário pesquisador: Um estudo com topónimos transplantados”. in *XXXV Encontro Nacional de Estudos de biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação*, Escola de Ciência da Informação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – 15-22 de Julho. Em *Múltiplos Olhares em Ciências da Informação*, V.2, nº2, Outubro.

SEEMANN, Jörn (2005) “A toponímia como construção histórico-cultural: O exemplo dos Estado do Ceará”, in *Vivência* n° 29

ULLMANN, Stephen (1987) *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*. 5ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VASCONCELLOS, J. Leite (1931) *Opusculo*, Vol.III, Onomatologia, Coimbra, Imprensa da Universidade.

## **5.2. GRAMÁTICAS:**

NASCIMENTO, José Pereira (1894) *Gramatica do umbundu Língua de Benguela*, Lisboa, Imprensa Nacional.

Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española (2010), *Ortografía de la lengua española*, Madrid: Espasa.

## **5.3. DICIONÁRIOS:**

CARRETER, L. (1971) *Diccionario de términos*, Madrid: Gredos, 3ª Ed.

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, (1945), vol. XXXII (verbetes “Toponímia”), Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda.

GUENNEC, Le & VALENTE, José, (S/d)., *Dicionário Português-Umbundu*, Escolar Editora – Angola.

## **5.4. DOCUMENTOS:**

1970. Benguela1955. Maio de 95, Hera Grafia, Artes Gráficas, Lda.

ANGOLA – Apontamento sobre ocupação e Início dos Estabelecimentos dos portugueses no Congo, Angola e Benguela (História Colonial dos portugueses) extraídos de documentos históricos coligidos por Alfredo de Alburquerque Felner Coimbra, Imprensa da Universidade 1933.

Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito,  
S/p.

Diário da República, I Série-n.º 2 de 3/01/2014 - Art.12.º/Decreto Presidencial n.º 3/14).

## **6. ANEXOS**

## 6.1.ANEXO Nº 1 - BOLETIM DE INQUÉRITO



### BOLETIM DE INQUÉRITO DIRIGIDO AOS PROFISSIONAIS/ESTUDANTES

Querido(a) Amigo(a)!

O presente inquérito tem como objectivo obter informações sobre o tema: **Harmonização da Ortografia toponímica de Benguela**, que nos serão úteis na elaboração do nosso Trabalho, com a finalidade de contribuímos para Organização do Território e a Construção do Vocabulário Histórico Nacional. Ajude-nos nesta árdua missão.

#### Dados gerais

Onde vive \_\_\_\_\_

Estudante/Trabalhador \_\_\_\_\_ Universidade/Instituto Superior

Especialidade \_\_\_\_\_

Sobre os assuntos que se seguem, responda apenas com um X a uma das três possíveis hipóteses.

1 – Já ouviu falar sobre toponímia?

Sim  Não  Um pouco

2- Tem domínio do significado do nome da zona/avenida/rua ou bairro onde vives?

Sim  Não  Um pouco



3 – Em sua opinião, quais são as causas que não lhe permitem ter/elevar o nível de conhecimento dos nomes de lugares?

Pode marcar mais de um:

a)- A falta de interesse\_\_\_\_

b) – A ausência de placas toponímicas\_\_\_\_\_

c) – A exiguidade de matérias e bibliográficos sobre os nomes de lugares\_\_\_\_\_.

4- Gostarias que o tema sobre Harmonização da Ortografia toponímica de Benguela fosse de uma maneira mais exaustiva discutida em palestras, seminários, sobretudo na sala de aula?

Sim

Não

Um pouco

**Utilize o verso da folha para qualquer comentário que desejar fazer**

**6.2. ANEXO N° 2 BASE DE DADOS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA DO  
MUNICÍPIO DE BENGUELA (UM EXTRACTO)**

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Umbundu)**

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	VARIANTE GRÁFICA	PROPOSTA DE GRAFIA	DEFINIÇÃO	GENTÍLICO	NOTA
Benguela	Umbundu	Kasoko	Cassoco/Kassoco ou São João Baptista do Cassoco	Kasoko	<i>Kasoko</i> é um termo umbundu ( <i>Kasoko</i> e que foi aportuguesado para Cassoco) e, podemos derivar sua raiz de “Soko” que vem de “Olusoko” que quer dizer falar mal ou às costas do verbo “Okusokola” que significa perder dente. Kasoko , diríamos em português, composta por aglutinação (Ka + Soko) aonde o “Ka”, tem o valor de prefixo e “Soko” o de substantivo masculino. Por corresponder a Bairro/zona. Mais também, pode ser, Complemento Circunstancia de Lugar.		
Benguela	Umbundu	Kalosombekua	Calossombecua	Kalosombekua	<i>"Kalosombekua"</i> deriva do verbo <i>"Okusembika"</i> que significa plantar. “kalosombekua” é segundo informações, nome do primeiro habitante do bairro com o mesmo nome, cuja população é na sua maioria, oriunda de Quilengue e Kaconda ao serviço da companhia Açucareira Primeiro de Maio de Benguela, Kalosombecua ou Sombekwa simplesmente, fixe residência nesta zona onde povos vindo do interior baptizaram-na em honra ao primeiro habitante.		
Benguela	Umbundu	Kaseke	Casseque/Kasseque	Kaseke	Kaseke corresponde ao substantivo feminino em português (areia) de Eseke em umbundu. A zona onde agora é o bairro do Kasek, corresponde a uma área semidesértica, onde abunda areia, por se encontrar próxima da zona costeira. Com o êxodo rural que assolou Benguela fruto dos conflitos armado, foram surgindo casas de pau a pique dadas as características geográficas que não permitia em seu solo a absorção de casa de adobes		
Benguela	Português/Umbundu	Equímina	Mina, Equimina	Enganji	O termo Mina, em Umbundu “ochima chyovivela” pode ser usado para se referir um mancal de riquezas. Assim como a uma cavalidade artificial na terra “evukuko”. Como historiotopónimo, o termo forma um adjectivo” Kunjuka, likolongola, vukuka ou vuyuka” referindo a um objecto escavado por baixo. Também buscar sua origem do verbo transitivo directo “kolongola, kulula ou kunjula” (Escavar), ligada a ideia de prejudicar clandestinamente alguém “nholisa uyombeki”.		Equina é uma corripitela de Mina que na língua Umbundu significa <i>Engaji</i> . Por esta razão podemos admitir a semelhança de termo Benguela a possibilidade da existência de dois termo: Mina em português e Enganji em Umbundu.

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	VARIANTE GRÁFICA	PROPOSTA DE GRAFIA	DEFINIÇÃO	GENTÍLICO	NOTA
Benguela	Umbundu	Kalohombo	Calohombo/ Kalonhombó	Kalohombo	Kalonhombó é um diminutivo de “ombó” (de Ka + hombó/ombó) o mesmo que Cabrito em português. O termo calohombó surge segundo informações, de um comerciante (José), que mora no bairro e que tinha um coral de cabritos e comercializava à várias pessoas dentre as quais, aqueles que revendiam na capital do país.		
Benguela	Umbundu	Talamandjamba	Talamandjamba ou etalamo yolo ndajamba	Talamandjamba	Talamandjamba: o termo talamandjamba vem do verbo em umbundu “ talamisa ou talama” que quer dizer impedir o movimento ou parar num certo lugar. Assim, Talamandjamba quer dizer paragem de elefantes.		
Benguela	Umbundu	Ndokota	Ndokota; Dokota	Tokota/Ndokota	Ndonkota: Ndokota ou Dokota é o nome cujo os primeiros habitantes batizaram o bairro. O termo provem do adjectivo umbundu “tokota” que significa quente, usado para se referir algo muito quente. As primeiras pessoas a habitar a zona hoje “tokota” são provenientes de Quilengues (Lubango), estes, povoaram a região, dedicando-se pastorícia como sua principal actividade.		
Benguela	Umbundu	Chimalavera	Tchimalavera/Chimal avera	Chimalavera	O nome “Chimalavera” terá tido origem em duas palavras em língua nacional “Chimãla + Okuvela” que, em tradução livre significa “onde acaba a doença”.		
Benguela	Umbundu	Kalunga	Calunga/Kalunga	Kalunga	Kalunga” traduz também a ideia de “mar” (“tchalungwa”), é algo intransponível, abismal, medonho, aquilo perante o qual todos se espantam. Kalunga tem sentido de “alunga” (coisas separadas). Então, a morte (“kalunga”) se põe como um acontecimento que separa as duas realidades, o mundo visível e o invisível. O termo é também um teónimo: Kalunga é “ Deus”, walungwa, é admirado, porque é incomensurável”. <i>Kalunga</i> pode ser atribuído a uma pessoa geradora de vida (...). O termo é usado como expressão de saudação; Usado também ao rei do mundo subterrâneo ou o que atrai a chuva). Kalunga encerra um significado real de grandeza, imensidão, infinidade.		
Benguela	Umbundu	Ondanjogo	Jango/Ondjango	Ondajango	Ondjango é um recinto coberto de capim, construído com troncos grandes ( <i>Avambala</i> ), que se apresenta disposto em forma de “U” para servir de assento, sendo geralmente utilizados outros troncos que servem de lenha, capazes de conservar o fogo durante toda a noite.		

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Português)**

<b>PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO</b>	<b>LÍNGUA</b>	<b>TOPÓNIMO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>TAXIONOMIA</b>	<b>FONTE</b>
Benguela	Português	5 de Outubro	Em honra da implementação da Republica Portuguesa	Começa na Av. Manuel Cerveira Pereira e termina na Rua Dr. António José de Almeida.	Históriotopónimo F12(Avenida)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Açores	Denominação em honra ao arquipélago dos Açores em Portugal.	Começa na Av. Fausto Frazão e termina na rua Cidade de Luanda.	Corotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Afonso de Albuquerque (1453-1515)	O mais ilustre dos homens de guerra portugueses do século XVI. Sucedeu como governador ao Vice-Rei D. Francisco de Almeida no governo da Índia em 1509. Fez com que o nome Portugal fosse respeitado e terminado no Oriente.	Começa na Rua Azevedo Gomes e termina na Rua 5 de Outubro	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Alexandre Herculano	Notável historiador, poeta e romancista	Começa na Rua 31 de Janeiro e termina na Rua Sacadura Cabral	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Angola	O termo Angola vem de “Ngola” tem por sua vez génese na expressão “ Ngolo”, que em quimbundo (língua do povo ambundo) significa “força”, de acordo com Joaquim da Matta. O mesmo termo em quicongo (língua do povo Bakongo) significa “ rigor, força, fortaleza, ou robustez”. Os portugueses depreenderam assim que o Ngola era aquele que tinha força, aquele que era poderoso. A denominação é uma homenagem em Honra ao Rei Ngola Tchiloanje Tcha Samba ou Ngola A Kiluanje (1515 – 56) foi o líder do potentado mais destacado do Antigo Reino do Ndongo, sendo conhecido por Ngola A Kiluanje Inene (O Grande Ngola). Ngola A Kiluanje Inene fundou uma dinastia do que mais tarde se havia de vir a conhecer como o Reino de Angola. O uso do termo (Ngola) “passou a aplicar-se a outras regiões e chefes vizinhos que viriam formar eventualmente o núcleo do domínio Português na região. Aos chefes Ngola os portugueses chamavam-nos “Ngola” e a região chamavam as “terras do Ngola”. Desde então, as terras vizinhas ao longo dos rios Lucala e Kwanza, sob a tutela dos Ngola e mais tarde conquistadas pelos Portugueses, passaram a ser chamadas e reconhecidas nos mapas e documentos oficiais da época como “terra do Ngola”, depois como “terra d’Angola”, e desde a colónia portuguesa passou a chamar-se simplesmente Angola”	Começa na Praça Luís de Camões e termina na Av. Gago Coutinho	Antropónimo (Rua)	FELNER, Alfredo de Alburquerque(1933) ANGOLA – Apontamentos sobre a ocupação e Início dos Estabelecimentos dos Portugueses no Congo, Angola e Benguela (História colonial dos Portugueses) extraído de documentos históricos, , Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, apud., RENDINHA, José(1969) in” artigo “Ngola”, inserido no Boletim cultural da câmara Municipal de Luanda, Nº 23, Abril - Junho, 1969. Cf. Tb. MATTA, Dias Cordeiro Joaquim, (1893) Ensaio de Typographia e Stereotypia Moderna da casa Editora, Lisboa
Benguela	Português	Alda Lara	Poetisa de feliz memória	Fica entre as Ruas Dr. António José de Almeida, Dr. Carlos Tavares e General Pereira d’Eça.	Parque	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Álvaro de Almeida	Álvaro de Duarte de Almeida, desenhador e pintor contemporâneo nasceu em Moçâmedes.	Fica paralela com a Rua Miguel Bombarda, ao pé do tanque	Rua	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Azevedo Gomes	Manuel de Azevedo Gomes, oficial da Marinha, prestigiou em tudo a sua corporação em missões de grande responsabilidade no estrangeiro e no Ultramar	Começa na Av. Governador Moutinho e termina no cruzamento da Travessa Luís Gomes e Rua Afonso de Albuquerque.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Bernardino Correia (1879 – 1957)	Colonialista e comerciante a quem muito Angola ficou devendo. Pelo seu espírito dinâmico e empreendedor ficou o seu nome ligado para sempre ao Caminho de Ferro do Amboim e à Companhia Colonial de Navegação e a muitos outros empreendimentos.	Começa na Rua 5 de Outubro e termina no cruzamento das Ruas Serpa Pinto e Celestino Madeira.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Cabo Verde	Em honra ao arquipélago de Cabo verde outrora província de Portugal até 1975.	Começa na Rua de Timor e termina na Rua Dr. Fausto Frazão.	Corotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Cândido dos Reis (1852-1910)	Carlos Cândido dos Reis, oficial da Marinha impulsor da implantação da República em Portugal.	Começa na Rua Vasco da Gama e termina na Rua José Soares.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Capitão Silva Carvalho	Foi Governador- Geral de Angola. Grande entusiasta pela criação do caracul no Sul de Angola, a que dedicou parte da sua vida e do seu carinho. Foi durante o seu Governo que se lançaram as primeiras sondas para a descoberta de petróleo nesta Província.	Fica entre a Av. Marechal Gomes da Costa e Av. Gago Coutinho.	Axiotopónimo (Praça)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Cidade de Lisboa	Em honra a Capital do País na época de Angola província Ultramarina de Portugal. Lisboa hoje é a Capital de Portugal.	Começa na Rua Sacadura Cabral e termina no Parque do Cassequel.	Corotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Comendador Norton de Matos	José Mendes Ribeiro Norton de Matos, general e estadistas português. Fez parte do Governo como Ministro da Guerra. Foi comissário de Angola, embaixador de Portugal em Londres.	Fica entre a Av. Manuel Cerveira Pereira e a Rua de Moçambique	Axiotopónimo (Largo)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Diogo Cão	Navegador português. Explorou a Costa de África tendo descoberto o Zaire.	Começa na Av. Ministro Vieira Machado e acaba na Rua Silva Porto.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Dr. António José de Almeida (1866-1929)	Médico, parlamentar, estadista, ministro e presidente da Republica Portuguesa.	Começa na Rua 31 de Janeiro e termina na Rua Dr. Carlos Tavares	Axiotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)



PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Dr. Oliveira Salazar	António de Oliveira Salazar, professor catedrático de Economia e Finanças na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e estadista português. Ministro das Finanças (1928), definiu as bases e a orientação dum novo sistema governativo. Em 1932 foi chamado à presidência do Ministro e, depois de promulgada a Constituição de 1933, exerce o cargo de Presidente do Conselho. Desempenhou cumulativamente os lugares de Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros. Tendo passado também pelo Ministério das Colónias, deve-se-lhe o acto colonial, que restabeleceu a tradição do Imperio. Substituiu a forma liberal-democrática pelo sistema corporativo, a que deu o nome de Estado Novo, sob a égide do seu governo iniciou-se uma era importante de renovação financeira e de melhoramentos materiais. É justamente considerado um dos mais notáveis estadistas contemporâneos. Pelo seu tacto político e diplomático, conseguiu manter Portugal afastado da Segunda Guerra Mundial, sem renegar os princípios da velha aliança luso-britânica. Os seus discursos, entrevistas, nas oficinas e relatórios constituem um verdadeiro corpo de doutrina política. É autor de numerosos tratados de direito e finanças.	Fica entre as Ruas 5 de Outubro, Azevedo Gomes, Quintino Rogado e Afonso de Albuquerque.	Axiotónimo (Praça)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Eça de Queirós	José Maria Eça de Queirós. Notável escritor português.	Fica entre a Av. Presidente Carmona, Ruas Silva Porto, Pedro Nolasco, Ferreira de Andrade e Dr. Carlos Tavares.	Parque	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Gago Coutinho	Carlos Veigas Gago Coutinho, almirante da Armada portuguesa, historiador, matemático e geográfico.	Começa na Av. 5 de Outubro e termina no final da Rua de Angola.	Avenida	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	General Alves Roçadas (1865-1926)	José Augusto Alves Roçadas, oficial do Corpo do Estado-Maior português. Governador das Provinciais de Angola, Macau e Timor. Organizou e comandou a expedição a Angola contra os Cumatas em 1917, que terminou com a vitória dos europeus. Foi também o comandante da expedição a Angola em 1914.	Fica entre a Rua Dr. António José de Almeida, Av. Presidente Carmona, Rua Diogo Cão e Rua Mon senhor Kelling.	Axiotopónimo(Largo)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	General Massano de Amorim	Oficial do Exército e administrador colonial. Foi Governador de Angola, Moçambique e da Índia Portuguesa.	Começa na Av. Presidente Carmona e termina na Rua Miguel Bombarda.	Axiotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	General Pereira d'Eça	António Júlio Pereira d'Eça, general do Exército Português. Distinguiu-se nas campanhas de África contra os alemães, durante a Primeira Guerra Mundial	Começa na Av. Gago Coutinho e termina na Av. Presidente Carmona	Axiotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Gil Vicente	Poeta dramático português. Fundador do Teatro Nacional.	Fica entre a Rua Alexandre Herculano, Av. Marchal Gomes da Costa e Ruas Monsenhor Kelling e 5 de Outubro.	Antropónimo (Parque)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Governador Eduardo Costa (1865-1907)	Eduardo Augusto Ferreira da Costa, Militar e colonialista. Foi companheiro de caldas Xavier em lutas contra os indígenas revoltados em moçambique. Foi Governador-Geral de Angola em 1906.	Começa no princípio da Av. Presidente Carmona e termina ao meio da Rua 31 de Janeiro.	Axiotopónimo (Largo)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Guiné	Em honra ao País com o mesmo e colónia Portuguesa até 10 de Dezembro de 1973, data da proclamação de sua independência.	Começa na Rua de Moçambique e termina de Andrade na Av. Dr. Fausto Frazão.	Corotónimo(Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	João Belo	Oficial da Marinha colonialista e ministro das colónias. Reorganizou a Escola colonial de Lisboa e promulgou o estatuto orgânico das missões religiosas.	Começa na Av. Presidente Carmona e termina na Rua Serpa Pinto.	Antropónimo(Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	João de Deus (1830-1896)	Nome literário de João de Deus Ramos. Poeta português.	Começa na Rua Silva Porto e termina no Largo da Peça.	Antropónimo(Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	José Falcão	José Joaquim Pereira Falcão, matemático e escritor português, autor de notáveis trabalhos sobre ciências astronómicas e matemáticas.	Começa na Rua Dr. António José de Almeida e termina na Rua Serpa Pinto.	Antropónimo(Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Luís de Camões (1524-1580)	Luís Vaz de Camões, o Maior Poeta português, autor dos Lusíadas, que em Benguela não quis deixar de honrar dando a uma das suas Praças o nome do Poeta Imortal.	Fica entre as Ruas Heróis de Angola, Fausto Frazão e Angola	Antropónimo (Praça)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Machado dos Santos (1875-1921)	António Maria de Azevedo Machado dos Santos, oficial da Administração Nacional. Foi um dos revolucionários que mais devotadamente trabalhou para a implantação da República.	Começa na Av. Ministro Viera Machado e termina na Av. Presidente Carmona.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Marechal Gomes da Costa (1863-1931)	Manuel de Oliveira Gomes da Costa, marchal do Exército Português. Oficial de Infantaria, foi em comissão para Índia e para Moçambique, onde fez parte da sua vida. Foi governador de Gaza. Bateu-se heroicamente em várias campanhas. Tomou parte na revolta de 28 de Maio de 1926.	Começa na Rua Monsenhor Kelling e termina na Rua de Angola.	Antropónimo(Avenida)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Miguel Bombarda (1851-1910)	Médico e professor. Foi director do Hospital de Rilhafoles. Um oficial do Exército atacado de loucura matou-o a tiro de revólver.	Começa no final da Rua João de Deus e termina na Rua Serpa Pinto	Antroponimo(Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Monsenhor Keiling (1868-1937)	Monsenhor Luís Alfredo Keiling. Missionário que viveu e morreu em Nova Lisboa.	Começa na Rua Alexandre Herculano e termina na Rua Dr. António José de Almeida	Axiotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Professor Dr. Egas Moniz	Professor Dr. Egas Moniz: António Caetano de Abreu Freire Egas Miniz, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Notável Neurologista. Foi deputado, ministro dos negócios Estrangeiros e presidiu à delegação portuguesa à conferência da Paz. Foi o primeiro português a receber o Prémio Nobel.	Começa na Av. da Sociedade de Geografia. Termina próximo do Hospital dos Industriais de pesca de Benguela e termina na Praça Dr. Oliveira Salazar.	Axiotopónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Sacadura Cabral (1880-1924)	Artur Sacadura Freira Cabral, oficial da Marinha e arrojado aviador	Começa na Av. Manuel Cerveira Pereira e termina na Rua Dr. António José de Almeida.	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	DEFINIÇÃO	LOCALIZAÇÃO	TAXIONOMIA	FONTE
Benguela	Português	Teófilo Braga (1843-1924)	Joaquim Teófilo Fernandes Braga, notável escritor português contemporâneo. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra em 1867 e o grau de Doutor no ano seguinte. Quando o Dr. Manuel Arriaga resignou, foi eleito Chefe do Estado. Teófilo Braga foi dos portugueses mais célebres do século em que viveu. Fica entre as Ruas Dr. António José de Almeida e Presidente Carmona.	Fica entre as Ruas Dr. António José de Almeida e Presidente Carmona .	Antropónimo (Largo)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)
Benguela	Português	Xavier Barreto (1853-1939)	António Xavier Correi Barreto, general português, professor e inventor da pólvora sem fumo usada para Exército Nacional. Foi Ministro da Guerra e Presidente do Senado.	Começa no final da Rua 5 de Outubro e termina na Rua Pedro Nolasco	Antropónimo (Rua)	Distrito de Benguela, Divisão Política Administrativa de Benguela – Cidade de Filipe de Benguela, Edições ACIP, Capital de Distrito, S/d.S/p.)

**Base de Dados Lexicográfico-Toponímica do Município de Benguela (Aportuguesado)**

PROVÍNCIA/ MUNICÍPIO	LÍNGUA	TOPÓNIMO	VARIANTE GRÁFICA	PROPOSTA DE GRAFIA	DEFINIÇÃO	GENTÍLICO	NOTA
Benguela	Português	Benguela	Mbaka	Benguela	<p>O termo “Benguela” segundo o historiador e investigador Armindo Jaime Gomes “é de origem Umbundu, de <i>Venga</i> ou <i>mbenga</i>, do verbo <i>okuvenga</i> ou <i>okuvengela</i> que em português significa ‘tuvés ou ser turva’ (com respeito à água do rio ou lagoa)”, <i>pode significar também</i> “escuro ou opaco” (em relação à floresta fechada). <i>Relativamente ao verbo “okuvengela” quer dizer</i> “sujar, turvar ou sujar-lhe”, ainda “<i>okuvengela</i>” que pode ser “turvar-me ou sujar-me; sempre em relação à água do rio ou da lagoa.” o topónimo Mbegela deriva do rei fundador de um possível ‘reino de Benguela’ que existiu até à véspera dos primeiro contactos. Desta realidade se costuma justificar a génese do antropónimo Mbengela, ligado à corte da família real e atribuído (o nome Mbaka) a Nasoma (mulher de Usoma ou Osoma = do Soba ou Rei).</p>	Benguelense	<p>“Benguela” é uma corruptela de Mbanka ou Mbenguela e, de acordo com a regra da língua umbundu podemos notar que O B-b nesta língua, não existe como consoante simples, sendo sempre antecedido de m e formando o grupo [mb]. Assim, seria correto apresentar uma proposta de Mbanka ou Mbenguela em vez de Benguela, verdade que isso parece não é possível. Daí temos de admitir que haja dois nomes. Por exemplo “Mbanka ou Mbenguela”, no entanto, “Mbenguela” em umbundu e “Benguela” em português. Vamos admitir que “Benguela” é um nome que foi aportuguesado.</p>